

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL**

CAROLINE MOREIRA

**LITERATURA ERÓTICA ESCRITA POR MULHERES:
um estudo cultural do mercado literário e sexualidade feminina**


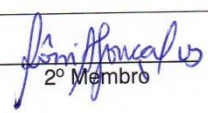
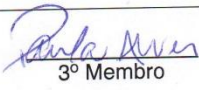
NITERÓI
2015



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: CAROLINE MOREIRA	Matrícula: 108.33.085
Título do Trabalho: LITERATURA ERÓTICA ESCRITA POR MULHERES: UM ESTUDO CULTURAL DO MERCADO LITERÁRIO E SEXUALIDADE FEMININA	
Orientador: Drª. Marina Bay Frydberg	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 03/11/2015

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Drª Marina Bay Frydberg
2º Membro: Drª. Rôssi Alves Gonçalves
3º Membro: Me. Paula Alves de Almeida

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>A banca destacou a relevância e ousadia da escolha do tema. Salientou o caráter interdisciplinar da pesquisa, com o enfoque no campo da produção cultural.</p> <p>A banca indica a continuidade do trabalho na pós-graduação.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):		
9,5		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M838 Moreira, Caroline.

LITERATURA ERÓTICA ESCRITA POR MULHERES: um estudo cultural do mercado literário e sexualidade feminina / Caroline Moreira. – 2015.

55 f. ; il.

Orientadora: Marina Bay Frydberg.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

Bibliografia: f. 51-52.

1. Sexualidade. 2. Literatura erótica. 3. Cultura. 4. Gênero.

I. Frydberg, Marina Bay. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto

CAROLINE MOREIRA

**LITERATURA ERÓTICA ESCRITA POR MULHERES:
um estudo cultural do mercado literário e sexualidade feminina**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof^a. Marina Bay Frydberg

NITERÓI
2015

CAROLINE MOREIRA

**LITERATURA ERÓTICA ESCRITA POR MULHERES:
um estudo cultural do mercado literário e sexualidade feminina**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Marina Bay Frydberg
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Pós Dra. Rôssi Alves Gonçalves
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Me. Paula Alves de Almeida
Escola Nacional de Ciências Estatísticas/Ence - IBGE

NITERÓI
2015

À beleza da descoberta da própria sexualidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, minha fonte de inspiração diária de luta, garra e amor, da onde eu tiro toda a minha energia . Obrigada por ser corajosa , justa e independente, devo muito do que eu sou a você.

Ao meu pai por ser tão paciente e com o coração tão grande que me ajuda a compreender muita coisa sem dizer quase nada.

Ao meu irmãozinho simplesmente por ter nascido e se tornado uma das pessoas mais importantes da minha vida pra sempre.

À toda a minha família que transborda amor por todos os lados e me ajuda a ter forças todo dia para ser uma pessoa melhor.

À Paula Alves por ter incentivado meus estudos e pesquisas através de suas falas, estudos e luta.

As amigxs que incentivaram e estiveram ao meu lado durante toda essa trajetória de grande parte autodidata compartilhando links , artigos , conversas , Carolina Pereira, Julia Vommaro, Eduarda Oliveira, Clarissa Palma, Isadora Giuntini, Livia Egger, Alessandra Castañeda, Ana Paula Alves, Ana Beatriz Silva , Jeosanny Kym e muitas outras. Ao grupo mulheres do IACS, por tanta troca e sororidade.

As amigxs Renata Pimenta, Julia Baker, Julia Pimenta, Juliana Viegas, Natalia Mendonça, Daniel Araújo, Amanda Lopes, Amanda Castro, Thais Gaspar, Vinicius Ramos, Gabriela Matos, Thais Cardoso, Tatiana Cardoso por ouvir meus lamentos e dificuldades e me incentivar , por isso ajudaram muito a concluir esse trabalho.

À minha orientadora Marina Frydberg por ser essa pessoa maravilhosa, amiga , paciente , dedicada, sua força e incentivo foram fundamentais para a finalização desse ciclo. Obrigada por acreditar que eu conseguiria quando eu mesma duvidava, por entender todo o meu demorado processo a cada nova etapa, pelos puxões de orelha e pelos elogios que me fizeram seguir em frente. Tens minha eterna admiração e gratidão.

À Universidade Federal Fluminense e ao Polo Universitário de Rio das Ostras, todos os professores, colegas que fizeram com que a cada dia de convívio, de reflexão eu me transformasse. Obrigada por todas as discussões, por todas as cervejas, por todas as festas, por todos os amigos que fiz.

*(...) Mas as vistas querem entender um dia, por
que as meninas fazem coreografia.*

Os meninos também fazem, mas elas fazem mais.

*Acho que alguma coisa se solta nessa hora, e
soltinhas, fazem grudar no corpo a liberdade que
falta.*

*Que falta não nelas, mas dos outros pra elas.
Então dançam, aí pode tudo. (...)*

(Karina Buhr)

RESUMO

Há um recente aumento no número de vendas em livros de literatura erótica escrita por mulheres mundialmente. O presente trabalho analisa a importância da autoria feminina e algumas publicações recentes. Busca compreender as relações de conteúdo entre tais livros com regras sociais e morais vigentes na sociedade, assim como analisar dados mercadológicos de venda e distribuição relacionados diretamente ao tipo de abordagem proposta. Tem como objetivo entender a importância desse tipo de publicação para a construção social da sexualidade feminina.

Palavras-chave: Sexualidade. Literatura erótica. Economia da Cultura. Gênero. Autoria Feminina.

ABSTRACT

There is a recent increase in sales in erotic literature books written by women worldwide. This paper analyzes the importance of female authors and some recent publications. Seeks to understand the relationships between content such books with social and moral rules in the society and analyze market data sales and distribution directly related to the type of approach proposed. It aims to understand the importance of this type of publication for the social construction of female sexuality.

Keywords: Sexuality. Erotic Literature. Cultural Economy. Gender. Women's authorship.

SUMÁRIO

Moreira, Caroline.	3
Introdução.....	12
1 – História dos estudos de Gênero e protagonismo da fala da mulher	14
1.1 A Mulher na Sociedade, um contexto histórico.....	14
1.2 - Mulher na autoria	19
Capítulo 2 – Literatura erótica escrita por mulheres e suas relações de conteúdo	23
2.1 – A mulher na literatura erótica: produção e consumo.....	23
2.2 - Cinquenta tons de cinza, o fenômeno global	26
2.3 – <i>100 homens em 1 ano</i> e a liberação do corpo feminino	32
Capítulo 3 – Relações da mulher com o corpo e sexualidade.....	34
3.1– Relações contemporâneas de sexo, sexualidade e corpo.....	34
3.2- Moral e Sexualidade.....	35
Capítulo 4 - O Mercado Literário contemporâneo de autoria Feminina.....	41
4.1 - Análise do mercado de literatura erótica escrita por mulheres	41
4.2 – Análise da literatura e de autoria feminina na literatura contemporânea	48
Considerações Finais	51

Introdução

O interesse pelos estudos relacionados ao feminino nasceu em um momento que seria impossível recordar, provavelmente do primeiro não entendimento de limitação por conta do gênero, há muitos anos na infância e adolescência, surgiram aqueles questionamentos das regras que me impediam de realizar pequenos desejos, necessidades de comportamento, não saberia ao certo dizer o primeiro momento de interesse, pois ao que me parece ele sempre existiu.

Aos poucos a sexualidade passou a fazer parte desse universo, os medos, frustrações e mais limitações não compreendidas somam ainda hoje e fazem parte da construção da minha personalidade. Esse trabalho é de alguma forma um estudo, um fruto de um longo processo sem fim de identificação, reflexão, análise, desconstrução e amadurecimento. Questões que estão além do papel, que estão presentes no dia a dia, dentro, fora, ao lado e em volta de nós.

Através da literatura, pretendo estudar as relações entre mulher, a sexualidade e as relações de gêneros, usando relatos verídicos e romances escrito por elas.

O objetivo é entender como acontece a formação de pensamento em relação ao tema sexualidade e como essas relações influenciam na forma que as mulheres constroem suas identidades de gênero e a partir delas se colocam no mundo.

A escolha da literatura como a ferramenta de análise da sexualidade e do gênero e comportamento se fez baseada em estudos de linguagem, Candido(1965), Bakhtin(1997) , Foucault(1970), que entendem que a literatura é diretamente influenciada pelo meio onde é criada, historicamente, geograficamente, socialmente e pelas características ideológicas do escritor de um texto. Como a escrita é uma ferramenta que esteve presente em grande parte da história da humanidade, pode-se dizer também que o acesso a escrita e o acesso a leitura, é muito amplo e assim faz com que a literatura consiga se aproximar muito do cotidiano que expõem essas relações de gênero e sexo.

Assim através de quatro capítulos o trabalho tenta entender o porquê da diferença de publicações, de vendas e de criações escrita por mulheres tendo a literatura erótica sua principal ferramenta para a análise.

É importante compreender que grande parte da produção literária reflete em seu conteúdo conceitos praticados pela maioria da sociedade, assim no que se refere ao gênero a imensa maioria dos conteúdos está baseada numa classificação de gênero binária e

heteronormativa, incluindo as publicações principais analisadas nesse trabalho, sendo assim o tema debatido acaba por se aprofundar nas mulheres nascidas mulheres e que se identificam como mulheres.

O Primeiro capítulo fala da história dos estudos de gênero e protagonismo da fala da mulher, onde coloca-se uma investigação entre a história da mulher no mundo e o lugar da fala da mulher nas relações históricas e recentes.

Já no segundo capítulo, encontra-se um apanhado da literatura erótica escrita por mulheres e relações de conteúdo entre os livros de grande influência para o entendimento da evolução da literatura erótica, assim é possível aprofundar o debate entendendo como o tema e o conteúdo das publicações de alguma forma refletem o retrato da sociedade onde foi produzido.

O terceiro capítulo discorre sobre as relações da mulher com o corpo e sexualidade. Nele através dos conceitos de sexo e sexualidade o trabalho procura traçar uma linha de aproximação com os livros analisados. Nele também é possível analisar que o crescimento do mercado literário erótico está intimamente relacionados a moral e ao comportamento sexual da mulher brasileira.

Finalizando, o quarto capítulo aborda o mercado literário contemporâneo de autoria Feminina. Nele alguns dos livros abordados nas análises tem seus números de vendas em conjunto com suas análises e consequências mercadológicas. Podemos também entender os números da produção escrita por mulheres no geral, e como o mercado funciona em torno dela.

1 – História dos estudos de Gênero e protagonismo da fala da mulher

Nesse capítulo será abordada uma introdução das questões importantes para o entendimento da importância da fala da mulher.

Iniciando num caminho guiado pela história apresentando uma evolução das lutas das mulheres por uma participação civil e política igualitária dentro da sociedade e depois entendendo a autoria feminina como ponto principal para o entendimento do discurso posto.

1.1 A Mulher na Sociedade, um contexto histórico

Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. (DUARTE, 2003, p.152)

Ainda que breve, é importante fazer um apanhado das discussões da mulher na sociedade, dos estudos do feminismo e de gênero e suas vitórias ao longo do tempo.

Historicamente o papel exercido pela mulher está ligado à maternidade, e esse fez com que em diversos tipos de relações a mulher passasse a exercer uma função de cuidadora, serva e inferior. Já o homem está presente como o responsável pelas partes de comando, sustento e política. Essas identificações das funções de cada um dos sexos são o fundamento do conceito de sociedade patriarcal que é o ponto principal de questionamento quando se fala de igualdade de gênero.

Entende-se que esse retrato da mulher na sociedade patriarcal é inspirado em figuras religiosas femininas. É possível observar que as figuras religiosas que representam a mulher estão diretamente ligadas a maternidade e castidade. No Brasil a religião com o maior número de seguidores é a católica e nela podemos perceber de maneira clara duas personagens bíblicas antológicas: Maria, virgem e por benção divina mãe de Jesus e Maria Madalena, que por muitos é interpretada como prostituta, mas que na bíblia é retratada apenas promíscua ou adúltera sendo sua história conhecida pelo apedrejamento que sofria em praça pública. As religiões são as instituições que exercem na sociedade um papel regulador, dizendo o que é certo e o que é errado através de uma justificativa maior baseada na fé. Conclui-se que essa divisão de papéis na sociedade não é uma divisão natural, mas uma divisão fundamentalista para manter uma sociedade “controlada”.

...desde o início da vida humana há discriminação contra as mulheres. A lenda de que a mulher teria sido feita a partir de uma costela do homem é uma inferiorização banal e, como se não bastasse, atribui-se a ela a marca de tentadora, já que teria

levado todas as demais gerações a serem expulsas do paraíso.(JARSHEL,NANJARÍ, 2008,p.2)

A sexualidade da mulher é arrancada de seu corpo e encerrada no âmbito da maternidade, na esfera da reprodução e da família. Em poucas palavras, a sexualidade e o erotismo não são sagrados. O corpo sagrado é assexuado, tudo se resume num ventre. A tradição cristã tem grandes problemas com o corpo e a sexualidade, negando-o da esfera do sagrado. Na corporificação simbólica de Eva como pecadora e Maria como redentora através da submissão e virgindade, está o “bastão do patriarcado” na mão de Deus-Pai que pune ou redime. (OLIVEIRA,apud JARSHEL,NANJARÍ, 2008, p.4)

Tendo em mente o local que a mulher é colocado através dos séculos pela religião e pelo seu papel reprodutor, podemos entender o ponto de partida das mudanças de papel da mulher muito antes da existência da palavra feminismo.

No século XIX na maior parte do mundo, principalmente nos países que tinham sido recém colonizados como o Brasil, as mulheres não tinham direito a frequentar escolas ou participar da sociedade. Nessa época as mulheres ocupavam apenas o lugar da maternidade e da servidão sexual aos homens.

No final do século então, surge o primeiro grande passo para as questões das mulheres que serão colocadas a seguir. As poucas mulheres que eram ensinadas em casa tendo uma educação voltada principalmente para os afazeres domésticos e distrações, começaram a atuar como professoras e a abrir um espaço para a educação das mulheres, e assim começaram a existir escolas especiais para mulheres. Este foi um passo que a principio não alterou a ordem da sociedade, já que mesmo tendo o direito de estudar em escolas para mulheres, estas jovens logo se casariam e continuariam sua vida dedicada aos seus maridos e filhos.

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se respeitar e amar por eles, educá-los quando são jovens,cuidar deles quando são crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável: eis os deveres das mulheres em todas as épocas, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância (ROUSSEAU, apud MILLETT,1969, p.27)

Com essa prerrogativa de ensinar e cuidar, poucas mulheres decidiram se tornar professoras e um número ainda menor se tornaram escritoras. Isto possibilitou pela primeira vez na história o protagonismo da voz feminina. Assim como Zahidé Muzart(2003), falando sobre a história do Brasil, considerando que essas mulheres já eram de alguma forma feministas.

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (MUZART, 2003, p.267)

O Feminismo como conhecemos hoje nasce na época das grandes revoluções, quando após a revolução francesa as mulheres resolveram questionar também os direitos de “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”, reivindicando na época os direitos de sufrágio universal feminino, direitos trabalhistas e igualdade educacional para mulheres. Esse movimento que começou sendo chamado de movimento por direito das mulheres, assim foi ficando mais conhecido e passando a englobar outros questionamentos vindo a ser então chamado de feminismo.

O ponto marco desta época é a escritora Simone de Beauvoir(1967), que escreveu um livro chamado Segundo Sexo, onde ela questiona os lugares sociais da mulher, não tão somente os direitos de leis.

A grande revolução na literatura de Beauvoir(1967) é o questionamento da construção do papel da mulher, já fazendo uma aproximação com o conceito de construção de identidade. Ela inicia o discurso dizendo “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”(op.cit.) tratando assim o feminino como uma subjetividade construída, apontando para a construção dessa identidade numa sociedade de extrema valorização do sexo masculino.

Questiona-se a partir desse ponto a naturalidade da mulher como o segundo sexo, como impossibilitada de executar as mesmas funções que os homens. Durante essa luta de colocar a mulher em pé de igualdade ao homem, a possibilidade da não vinculação direta da mulher com a maternidade foi fundamental para o sucesso dos apontamentos de direitos trabalhistas, sufrágio universal feminino e liberdades sexuais.

E a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso.(DUARTE, 2003,p.165)

Ao trabalhar as mulheres ganharam ainda mais força, pois sua independência financeira faz com que as necessidades de sobrevivência sejam de responsabilidade própria, tornando assim possível uma menor dependência dos homens. O movimento feminista então alcança um ponto estratégico para a liberdade sexual. Nesse ponto o movimento já podia ser percebido ao redor do mundo, juntamente com grupos feministas ligados à questão de avanços nos campos sociais de participação das mulheres.

É preciso compreender que, conscientemente ou não, a independência econômica parecia ameaçar a autoridade masculina. A liberdade de escolha sexual, a competência e independência econômica das operárias qualificadas, solteiras e pagas com salários elevados, possivelmente assustavam tanto certos observadores como a condição indigna da maioria das mulheres que trabalhavam nas fábricas, sobrecarregadas de trabalhos domésticos e ameaçadas com a doença ou subalimentação. Estas serviam de exemplo para dissuadir as mulheres que queriam cometer a loucura de as imitar; enquanto as primeiras não podiam senão despertar o desejo de liberdade.

Muitos observadores salientaram o facto de que as mulheres de *elite* da classe trabalhadora eram melhor sucedidas do que as da burguesia, constringidas à humilhação de fazer o papel de governantas mal pagas, ao qual se juntava um estatuto de criada e uma fiscalização permanente. (MILLETT, 1969,p.45 e 46)

Desse período até hoje, esses ideais de liberdade e igualdade dos sexos são assimilados e aos poucos vem ganhando espaço na vida cotidiana e na sociedade mundial. É verdade que hoje já avançamos muito nesses primeiros pilares colocados pelo feminismo, mas ainda podemos perceber em todos os níveis que entraves e opressões ainda são presentes.

Há quem defenda inclusive, que estes seriam tempos “pós-femistas”, pois as reivindicações(teoricamente) estariam atendidas e ninguém ousa negar a presença das mulheres na contrução social dos novos tempos. Se o prefixo “pós” estiver sendo empregado (e lido) como explicitando uma fase posterior ao feminismo- agora ultrapassado e fora de moda – não posso concordar com a expressão. Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física.(DUARTE, 2003, p.168)

Os estudos feministas aos poucos são ampliados para estudos de gênero, abrangendo sua análise também para o entendimento da diferenciação entre sexo biológico e sexualidade.

A discussão que era feita considerando o homem e a mulher tal como a heteronormatividade avança, e passa a considerar o masculino e feminino como partes biológicas do estudo, inserindo a sexualidade nestas discussões, abre-se a possibilidade de uma maior diversidade na percepção de corpo e gênero.

Judith Butler(1990), em Problema de Gênero, dentro dessa discussão de sexo e sexualidade, trata o gênero como uma performance, como o desempenho de um papel colocado a uma pessoa. Butler (op.cit.) percebe o corpo da mesma forma que o gênero, como uma construção cultural, ressaltando o aspecto cultural/social da vinculação entre sexo e gênero. Com essa proposição de gênero como performance, Butler(op.cit) é uma das teóricas fundamentais para essa ampliação do conceito de identidade de gênero, fazendo a diferenciação entre os conceitos de gênero e sexo.

Butler(1990) entende o sexo como o natural, o biológico, logo feminino ou masculino, e o gênero como a construção social e cultural da sexualidade nesse corpo. Assim, o gênero passa a conversar não tão somente com as questões de heterossexualidade, mas passa também a discutir questões de homossexualidade e transexualidade.

É importante construir uma relação entre os estudos de gênero e a literatura escrita por mulheres no Brasil, pois independente da evolução dos conceitos de gênero precisamos entender que a localidade onde esses sujeitos são formados influenciam na forma escrita indiretamente através do autor (Bakhtin, 1997). No caso do Brasil, apesar de entendermos que as discussões de gênero hoje já ultrapassam as diferenças entre homens e mulheres, ainda há uma grande necessidade de analisar como a sociedade interfere na identidade dessas mulheres através da idealização da mulher e da ótica masculina. Como no trecho do artigo publicado pela revista *Pagu* onde Maria Izida Mattos (1998) coloca a necessidade de entender as identidades de homem e mulher para o entendimento da história das relações.

Esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que **mulher** e **homem** não constituem simples aglomerados; mas elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser mais ponderados e intercruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevem a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações. (MATTOS, p.71 1998)

Sendo assim, independente das amplas discussões de gênero travadas no campo da homossexualidade e transexualidade, esse trabalho enfocará ainda nas relações de gêneros travadas no campo da heteronormatividade, por entender que a sociedade ainda é heteronormativa.

Heteronormatividade é um conceito utilizado para discutir as relações onde a heterossexualidade é colocada como natural e única forma dominante, sendo os outros gêneros ignorados e invisíveis (WARNER, 1991). Assim, sexo físico, identidade de gênero e papel social de gênero deveriam enquadrar qualquer pessoa dentro de normas integralmente masculinas ou femininas, e a heterossexualidade é considerada como sendo a única orientação sexual normal.

No Brasil e no mundo apesar dos estudos avançarem no sentido de entendimento de gênero e sexualidade, a questão da mulher, que aparentemente seria a mais simples, ainda é uma luta que tem vários nós.

É comum que entendam a questão da mulher como uma luta ganha já que hoje socialmente a mulher está incluída nas leis de direitos universais. Mas há nessa inclusão inúmeras diferenças de status, remuneração, e contingente de mulheres inclusas na construção política.

Em recente pesquisa o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID identificou principalmente na América latina, grandes diferenças salariais entre homens e mulheres. “O Brasil apresenta um dos maiores níveis de disparidade salarial. No país, os homens ganham aproximadamente 30% a mais que as mulheres de mesma idade e nível de instrução, quase o dobro da média da região (17,2%), enquanto na Bolívia a diferença é muito pequena.”.

Na representação política os números são também alarmantes. Apesar do crescimento do número de mulheres candidatas a cada eleição, o percentual não ultrapassou ainda os 10% do total, sendo que o percentual de eleitas acompanha esta baixa proporção.

Em 2014, 31% dos candidatos registrados na Justiça Eleitoral são do sexo feminino, ou um total de 8.120 mulheres. Em 2010, eram 5.056 candidatas (22,43%). Um aumento de mais de 38% em relação ao pleito anterior. A maior parte das mulheres buscava ser deputada ou senadora. Apenas 17 candidatas, ou 10% do total, tentou um lugar como governadora.¹

1.2 - Mulher na autoria

A valorização do masculino, e o masculino colocado como figura principal da sociedade traz uma consequência forte também em como as histórias são contadas. Podemos perceber que a superioridade e atuações políticas que eram somente masculinas se refletiam em todos os campos inclusive na literatura.

É possível identificar que em várias culturas o autor e o narrador é na maioria das vezes um homem, tornando assim grande parte da história e das criações contadas por homens.

Entre os autores mais estudados no Brasil podemos citar Camões, Drummond, Guimarães Rosa, Mario de Andrade, Machado de Assis, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Lima Barreto, Monteiro Lobato mas apenas duas mulheres: Clarice Lispector e Cecília Meireles.

A doutoranda da Universidade de Brasília(UnB) Laeticia Jensen Eble mapeou os escritores nacionais mais citados nos trabalhos de doutores em literatura brasileira no país. A pesquisa teve como base os currículos disponibilizados na plataforma Lattes, banco de dados mantido pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), de 2.176 pesquisadores. (...) Machado de Assis lidera a lista com 122 citações. Depois dele, nos primeiros cinco lugares surgem Guimarães Rosa (100 citações), Clarice Lispector (63),

¹ <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/06/cresce-numero-de-mulheres-eleitas-no-congresso-mas-fatia-ainda-e-de-so-10.htm>

Graciliano Ramos (54) e Mario de Andrade(44) (...) Depois de Clarice, Cecília Meireles (16º lugar, com 20 menções) é a mulher mais lembrada.²

Entre os personagens podemos citar algumas femininas de destaque no estudo da literatura: Ema Bovary (Madame Bovary, 1856), Capitú (Dom Casmurro, 1989), Clarissa Dalloway (Mrs. Dalloway, 1925) e Lolita (Lolita, 1955), sendo o Mrs. Dalloway (1925) o único entre estes escrito por uma mulher: Virginia Woolf.

Fica claro que ainda hoje a imensa maioria das publicações é de autoria masculina e ainda há um reconhecimento maior dos autores homens por parte da crítica e dos estudos da literatura.

No "London Review of Books", por exemplo, foram publicadas resenhas de 245 livros de autores masculinos e 72 de escritoras mulheres; no "New York Review of Books" foram 307 contra 80; na revista "The New Yorker", 436 contra 13³.

A escrita representa o poder de voz e de discurso das mulheres. Todo discurso é uma construção social, deve ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção, Bakhtin(1997), podemos entender que o significado do discurso reflete uma visão de mundo determinada vinculando as autoras na sociedade que vivem.

Os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram para ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, contudo o emprego na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual-contextual. Por isso, pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opere com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual. (BAKHTIN, 2003, p. 294)

Toda essa observação no campo do autor e de importantes personagens mulheres é fundamental. No caso das personagens, a história de vida de uma personagem forte faz com que o lúdico traga uma possibilidade de mudança de realidade, ou de entendimento das

² <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/07/1305864-pesquisam-apontam-machado-de-assis-como-o-autor-brasileiro-mais-estudado.shtml>

³ <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/2014-05-24/mulheres-tem-menos-espaco-na-literatura-mas-leem-mais-e-dominam-premios.html>

identidades femininas. E no caso da autoria feminina o discurso construído por uma mulher é um discurso que dá voz a essa mulher que esteve todo o tempo colocada como inferior.

A baixa representação de autoras mulheres na história fragiliza a reconstrução do discurso feminino liberal, já que entre os vários temas escritos por mulheres haverá diversidade de temas e pensamentos, tornando ainda menores os textos com construções liberais e igualitárias. Esses números fazem com que as questões de diferenças entre os gêneros ganhem uma invisibilidade, já que aparentemente há mulheres presentes em todos os níveis da sociedade, mas na maior parte do tempo as representações são feitas pelos homens.

Na história recente da literatura podemos observar um grande marco na história das autoras, em 1997, quando Joanne Rowling que escreve sobre o codinome de “J. K. Rowling” lança Harry Potter e a Pedra Filosofal. Na época a mãe solteira e desempregada se torna a primeira pessoa bilionária vendendo livros. Na época que fez sucesso a autora enfrentou preconceito por escrever literatura fantástica sendo mulher, mas conseguiu através de sua história abrir espaço para várias outras mulheres se arrisquem em diversos gêneros.

Podemos observar que JK Rowling, como aparece nos livros é de certa forma uma abreviação que não nos deixa identificar o sexo do autor. Essa abreviação incluindo uma letra do nome de sua vó (K, de Kathleen) foi feita a pedido de sua editora, que pensou que o nome de uma mulher não seria atrativo para o público-alvo de jovens garotos.

Podemos observar que o uso de codinomes para vender mais livros é utilizado desde sempre na literatura, o que evidencia mais uma vez a descredibilidade na capacidade feminina. Um exemplo disso no Brasil é o comentário de Graciliano Ramos (1980) feito sobre o livro *O quinze*, que trata do drama dos flagelados e de agudas questões sociais e que rejeitava na época um casamento tradicional, de Raquel de Queirós.

O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher, e o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:

Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.

Depois, conheci *João Miguel* e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O quinze* não me parecia natural (RAMOS, 1980, p. 137)

Por entender que dificilmente um discurso de quebra das condições sociais inferiores que a mulher está será feito por um homem, é que o discurso escrito por mulheres se torna tão importante nas mudanças gradativas da sociedade. “Tudo o que os homens

escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte.”
POULAIN DE LA BARRE (BEAUVOIR, 1970) .

Capítulo 2 – Literatura erótica escrita por mulheres e suas relações de conteúdo

Entende-se por literatura erótica a escrita cujo assunto principal são práticas sexuais. O erótico se diferencia do pornográfico no ponto em que o pornográfico apenas descreve o sexo enquanto o erótico o coloca dentro de um contexto social.

A literatura erótica escrita por mulheres e suas recepções na sociedade são parte fundamental para o entendimento da mulher e suas relações com o corpo e sexualidade nos dias atuais. O conteúdo desta é também um bom ponto de relação com a sociedade já que podemos entender que os personagens devem compartilhar uma cartilha de conceitos e pensamentos comuns para que haja uma empatia.

2.1 – A mulher na literatura erótica: produção e consumo

A análise da sexualidade na literatura é fundamental para o entendimento da sociedade, pois as relações travadas nesta são expostas em grande parte nas relações sexuais. E o ato do sexo é uma peça fundamental para as compreender as relações humanas contidas nela. Como Rosie Marie Muraro (1983) explica.

O sexo, pois se encontra na articulação dos dois eixos da vida humana: o individual e o coletivo. É, ao mesmo tempo, o elemento mais importante da nossa interioridade, o lugar onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres e desprazeres, e também mostra ser o elemento mais importante daquilo que chamaremos a “economia política da vida”, isso é, a regulação das populações com todos os seus efeitos globais. (MURARO, 1983, p.21)

As mulheres ao longo do tempo vem sendo extremamente limitadas e repreendidas socialmente ao tratar do assunto sexo, sendo por isto comum que não se sintam confortável com os próprios impulsos sexuais. Para entender a origem desse problema, Foucault (1984) em uníssono com Muraro (1983) diz que para isso não é preciso entender a libido feminina, mas a identidade dos corpos femininos e as relações de poder que se põem sobre ele.

Com isso, não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da *libido*, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. (FOUCAULT, 1984, p.11)

Dessa forma as questões sociais tem uma relação muito íntima em como o sexo afeta a sociedade e como a sociedade afeta o sexo e a sexualidade dos indivíduos, e quais são as consequências das normas que regem a sociedade.

O corpo é a base da percepção e organização da vida humana, tanto no seu sentido biológico como social. Assim, falar, andar, olhar, são modos socialmente determinados de sentir e pensar e toda uma visão do mundo. Esta visão passa pela divisão social do trabalho: há gestos e posturas e modos de ser considerados

masculinos e femininos através deles meninos e meninas se identificam com seu sexo, tal como ele é socialmente aceito.(MURARO,1983, p.21)

Essas posturas e modos de ser, citados por Rose Marie Muraro (1983), considerados femininos ou masculinos contribuíram muito para a clandestinidade das autoras mulheres na escrita de literatura erótica ou pornográfica.

Podemos ver ainda que durante um longo período apenas as mulheres que se identificavam com os modos e posturas considerados masculinos aparecem como autoras do gênero, mesmo que essa identificação também não tenha sido socialmente aceita.

As mulheres que aderiam ao Lesbianismo durante esse período já eram socialmente excluídas ou rejeitadas, e por isso aceitavam ser creditadas como autoras nos seus trabalhos de conteúdo erótico, ou por isso tinham coragem de escrever esse tipo de conteúdo.

Alexandrian (História da Literatura Erótica, 1989) faz um capítulo inteiro dedicado a literatura erótica escrita por mulheres e nesse capítulo, o autor conta da sua dificuldade em encontrar em suas pesquisas autoras que tratassem do assunto sexualidade no último século. Apesar disso ele cita alguns exemplos de mulheres que em sua escrita mostram traços de erotismo, sendo que a imensa maioria destes casos são de mulheres homossexuais e o restante é de mulheres que se disfarçam de homens ou usam codinomes masculinos. Em alguns casos mais de uma opção dessas é utilizada.

Como durante um período muito longo da história mulheres eram impedidas de escrever literatura erótica, o autor suspeita que em alguns dos casos encontrou mulheres que eram na verdade homens se passando por mulheres para tratarem sobre o assunto com uma abordagem atrativa. Cita também que em dicionários inteiros sobre literatura da época há quase nenhum relato de autoras femininas do gênero, e que muitas destas que ele cita no capítulo foram descobertas de poucas e bem escondidas fontes.

Isto significa que além de haver na época uma espécie de proibição da escrita erótica por mulheres, nos relatos históricos de literatura elas eram ignoradas, não citadas e escondidas.

Alexiandrian (1989) começa a fazer seu apanhado do capítulo na Grécia antiga, e até meados do século XIX ele consegue citar apenas algumas mulheres entre as poucas que podiam escrever e que tangenciavam o tema erótico, misturando muitas vezes poemas que passavam levemente pelo erotismo mas concentravam-se no relato do amor. Surgiram alguns romances um pouco mais dentro do erótico, falando sobre prazeres, relacionando autoras mulheres ,porém, mais tarde, descobriu-se que eram escrito por homens.

Apenas em 1880, na Europa, que a primeira romancista da literatura erótica surge: a Marquesa de Mannoury d'Éctot, sendo seus livros assinados com pseudônimos. “viúva e arruinada por vários gigolôs sucessivos, abriu uma agência matrimonial e escreveu três romances expondo as depravações das grandes damas do reinado de Napoleão III”(Alexandrian,1989,p.290). Ainda no século XIX houve Marguerite Aimery, que também escrevia sob outro nome, Rachilde, “Não satisfeita em se vestir de homem, mandou imprimir cartões de visita com o nome de “Rachilde, homem de letras” (porque considerava as mulheres como seres inferiores)” (ALEXANDRIAN, 1989,p.292).

Ao decorrer do século XX algumas poucas escritoras escreveram, em sua maioria, também através de codinomes, contos e romances eróticos. Dá-se destaque nessa época para os relatos lésbicos que passam a surgir com maior intensidade. As raras escritoras que foram descobertas por trás dos codinomes não são reconhecidas na história da literatura.

Apesar de ter publicado quase cinquenta livros (entre os quais um estudo, *La Philosophie de René Boylesve*) não se encontra nenhuma informação sobre Renée Dunan, falecida em 1936, em grossos dicionários de literatura contemporânea onde figuram autores menores, menos dignos de serem impostos à posteridade. Está aí uma prova do ostracismo lamentável que atinge as mulheres que escrevem francamente sobre o sexo: tem-se a impressão de que elas perturbam as prevenções masculinas” (ALEXANDRIAN, 1989,p.305)

Alexandrian(1989) faz em um de seus capítulos uma relação entre as regras da sociedade nos períodos onde encontra livros relacionados a literatura erótica escritos por mulheres e evidencia que esse tipo de leitura era considerado inapropriado para mulheres. Ou seja, na história da literatura erótica, além da invisibilidade da escrita por mulheres há também um impedimento social da leitura de conteúdos do gênero literário.

Fica assim evidente quando se estuda a respeito da escrita feminina na literatura erótica o quanto incômodas as mulheres se tornam quando quebram as convenções sociais e como isso as tornam invisíveis para que sejam mantidas essas relações e convenções.

É impossível não destacar que ao avançar para o nascimento do feminismo o autor já inicia seu subcapítulo com o título “O Inferno do Feminismo”(Alexandrian, 1989,p.323) e o que ele diz durante esta parte de seu livro é que a imposição de Beauvoir pela condenação do “discurso masculino”. Ele usa termos como grosseiro, mania de perseguição, feito sob medida para agradar a Simone de Beauvoir e de certa forma não dá muita atenção para as mulheres escritoras eróticas a partir do feminismo. Alexandrian (1989) termina seu capítulo sobre “A literatura erótica feminina” com o seguinte parágrafo:

É uma conquista preciosa da mulher o direito que ela conquistou de expressar na literatura as exigências internas e as perturbações sensuais de seu corpo. É preciso que ela o utilize com discernimento, sem hipocrisia, mas também sem ostentação e sem reivindicação deslocada. Se não se sente capaz de igualar o lirismo voluptuoso

de Louise Labé, a libertinagem amável da marquesa Mannoury, a perversidade lúcida de Rachilde e Collete, o horror de Renée Dunan, a imaginação feérica de Anaïs Nin ou a violência surrealista de Joyce Mansour, é melhor que uma escritora se limite ao gênero sentimental onde o gênio feminino é insuperável.(ALEXANDRIAN,, 1989,p.328)

Ou seja, mesmo tendo o entendimento que a escrita e a leitura da literatura erótica por mulheres eram mal vistas, o autor entende que o discurso não deve quebrar os lugares impostos pela sociedade, restringindo-as a um universo que ele considera interessante. Isto dá a impressão de que o autor pensa que os escritos femininos são apenas mais um tempero para a leitura masculina.

Após o movimento feminista a escritora que mais se destaca na escrita da literatura erótica no Brasil é Hilda Hilst, dois títulos ficaram muito conhecidos entre a crítica “A obscena senhora D” (1982) e “O caderno rosa de Lory Lambi”(1990) , além desses 2 títulos a escritora é conhecida por seus poemas eróticos.

Podemos lembrar que também fizeram sucesso recentemente com o público feminino brasileiro e tinham um conteúdo romântico e erótico alguns romances de bancas de jornal. Por volta da década de 70 até 2011 a editora nova cultura lançou 3 títulos: Sabrina, Julia e Bianca. As três series tinham formatos em que as escritoras, que eram contratadas e faziam as escritas encomendadas, deveriam seguir, e Julia era o título onde o romance também tinha relatos picantes nas relações amorosas. A serie parou de ser comercializada em bancas em 2011, talvez não por acaso, o ano de lançamento do Cinquenta tons de cinza.

2.2 - Cinquenta tons de cinza, o fenômeno global

Recentemente houve um livro que virou um fenômeno na literatura mundial, este trata de sexo e é escrito por uma mulher, e virou recorde de vendas em todo mundo.

O livro fenômeno recente é o Cinquenta tons de cinza que conta a história de uma jovem de 20 anos que conhece um homem bilionário e se encanta por ele. Eles então passam a ter um relacionamento baseado no sexo sado masoquista e na submissão.

Por ter sido um marco na abertura do mercado de literatura erótica escrita por mulheres não podemos deixar de entender suas personagens e seu conteúdo como importantes para o entendimento da aproximação que esse livro teve com seu público.

A personagem principal Anastasia, é uma menina estudante de literatura que se apaixona por um homem mais velho. Esse homem, Christian Grey, a propõe um

relacionamento onde ela deve obedecer ele em todos os aspectos sexuais. Ele envia pra ela um contrato com uma lista de regras que ela deve seguir.

“O SR. CHRISTIAN GREY, com domicilio no Escala 301, Seattle, 98889 Washington, (“o Dominante”)

E A SRTA. ANASTÁSIA STEELE, com domicilio no SW Green Street 1114, apartamento 7, Haven Heights, Vancouver, 98888 Washington (“a Submissa”)

AS PARTES ACORDAM O SEGUINTE

1. A seguir estão os termos de um contrato vinculativo entre o Dominante e a Submissa.

TERMOS FUNDAMENTAIS

2. O propósito fundamental deste contrato é permitir que a Submissa explore sua sensualidade e seus limites de forma segura, com o devido respeito e cuidar de suas necessidades, seus limites e seu bem-estar.

3. O Dominante e a Submissa acordam e admitem que tudo o que aconteça sob os termos deste contrato será consensual e confidencial, e estará sujeito aos limites acordados e aos procedimentos de segurança que se contemplam neste contrato. Podem acrescentar-se limites e procedimentos de segurança adicionais.

4. O Dominante e a Submissa garantem que não padecem de infecções sexuais nem enfermidades graves, incluindo HIV, herpes e hepatite, entre outras. Se durante a vigência do contrato (como se define abaixo) ou de qualquer ampliação do mesmo, uma das partes for diagnosticada ou tiver conhecimento de padecer de alguma destas enfermidades, compromete-se a informar à outra imediatamente e em todo caso, antes que se produza qualquer tipo de contato entre as partes.

5. É preciso cumprir as garantias e os acordos anteriormente mencionados (e todo limite e procedimento de segurança adicional acordado na cláusula 3). Toda infração invalidará este contrato com caráter imediato e ambas as partes aceitam assumir totalmente ante a outra as consequências da infração.

6. Todos os pontos deste contrato devem ler-se e interpretar-se à luz do propósito e os términos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

FUNÇÕES

7. O Dominante será responsável pelo bem-estar e pelo treinamento, a orientação e a disciplina da Submissa. Decidirá o tipo de treinamento, a orientação e a disciplina, e o momento e o lugar de administrá-los, atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordado ainda nos termos da cláusula 3 acima.

8. Se em algum momento o Dominante não mantiver os termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, a Submissa tem direito a finalizar este contrato imediatamente e a abandonar seu serviço ao Dominante sem prévio aviso.

9. Atendendo a esta condição e às cláusulas 2-5, a Submissa tem que obedecer em tudo ao Dominante. Atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, deve oferecer ao Dominante, sem perguntar nem duvidar, todo o prazer que este lhe exija, e deve aceitar, sem perguntar nem duvidar, o treinamento, a orientação e a disciplina em todas suas formas.

INÍCIO E VIGÊNCIA

10. O Dominante e a Submissa assinam este contrato na data de início, conscientes de sua natureza e comprometendo-se a acatar suas condições sem exceção.

11. Este contrato terá efeito durante um período de três meses a partir da data de início (“vigência do contrato”). Ao expirar a vigência, as partes comentarão se este contrato e o disposto por eles no mesmo, são satisfatórios e se estiverem satisfeitas as necessidades de cada parte. Ambas as partes podem propor ampliar o contrato e ajustar os termos ou os acordos que nele se estabelecem. Se não se chegar a um acordo para ampliá-lo, este contrato concluirá e ambas as partes serão livres para seguir sua vida separados.

DISPONIBILIDADE

12. A Submissa estará disponível para o Dominante desde sexta-feira à noite até o domingo pela tarde, todas as semanas durante a vigência do contrato, com as horas a

especificar pelo Dominante (“horas atribuídas”). Podem acordar mutuamente por mais horas, atribuídas como adicionais.

13. O Dominante se reserva o direito a rechaçar o serviço da Submissa em qualquer momento e pelas razões que sejam. A Submissa pode solicitar sua liberação em qualquer momento, liberação que ficará a critério do Dominante e estará exclusivamente sujeito aos direitos da Submissa contemplados nas cláusulas 2-5 e 8.

LOCALIZAÇÃO

14. A Submissa estará disponível às horas atribuídas e às horas adicionais, nos lugares que determine o Dominante. O Dominante concorrerá com todos os custos de viagem que incorra a Submissa com este fim.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

15. As duas partes discutem e acordam as seguintes prestações de serviços, e ambas deverão as cumprir durante a vigência do contrato. Ambas as partes aceitam que podem surgir questões não contempladas nos termos deste contrato de prestação de serviços, e que determinadas questões poderão renegociar-se. Nestas circunstâncias, poderão propor-se cláusulas adicionais a modo de emenda. Ambas as partes deverão acordar, redigir e assinar toda cláusula adicional ou emenda, que estará sujeita aos termos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

DOMINANTE

15.1. O Dominante deve priorizar em todo momento a saúde e a segurança da Submissa. O Dominante em nenhum momento exigirá, solicitará, permitirá nem pedirá à Submissa que participe das atividades detalhadas no Apêndice 2 ou em toda atividade que qualquer das duas partes considere insegura. O Dominante não levará a cabo, nem permitirá que se leve a cabo, nenhuma atividade que possa ferir gravemente à Submissa ou pôr em perigo sua vida. As restantes sub-partes desta cláusula 15 devem ler-se atendendo a esta condição e aos acordos fundamentais das cláusulas 2-5.

15.2. O Dominante aceita o controle, o domínio e a disciplina da Submissa durante a vigência do contrato. O Dominante pode utilizar o corpo da Submissa em qualquer momento durante as horas atribuídas, ou em horas adicionais acordadas, da maneira que considere oportuno, no sexo ou em qualquer outro âmbito.

15.3. O Dominante oferecerá a Submissa o treinamento e a orientação necessários para servir adequadamente ao Dominante.

15.4. O Dominante manterá um entorno estável e seguro para que a Submissa possa levar a cabo suas obrigações para servir ao Dominante.

15.5. O Dominante pode disciplinar à Submissa quanto seja necessário para assegurar-se de que a Submissa entenda totalmente seu papel de submissão ao Dominante e para desalentar condutas inaceitáveis. O Dominante pode açoitar, surrar, dar chicotadas e castigar fisicamente à Submissa se o considerar oportuno por motivos de disciplina, por prazer ou por qualquer outra razão, que não está obrigado a expor.

15.6. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que não fiquem marcas no corpo da Submissa, nem feridas que exijam atenção médica.

15.7. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que a disciplina e os instrumentos utilizados para administrá-la, sejam seguros, não os utilizará de maneira que provoquem danos sérios e em nenhum caso poderá transpassar os limites estabelecidos e detalhados neste contrato.

15.8. Em caso de enfermidade ou ferida, o Dominante cuidará da Submissa, vigiará sua saúde e sua segurança, e solicitará atenção médica quando o considerar necessário.

15.9. O Dominante cuidará de sua própria saúde e procurará atenção médica quando for necessário para evitar riscos.

15.10. O Dominante não emprestará sua Submissa a outro Dominante.

15.11. O Dominante poderá sujeitar, algemar ou atar a Submissa em todo momento durante as horas atribuídas ou em qualquer hora adicional por qualquer razão e por compridos períodos de tempo, emprestando a devida atenção à saúde e a segurança da Submissa.

15.12. O Dominante garantirá que todo o equipamento utilizado para o treinamento e a disciplina se mantenha limpo, higiênico e seguro em todo momento.

SUBMISSA

15.13. A Submissa aceita o Dominante como seu dono e entende que agora é de sua propriedade e que está ao seu dispor quando o Dominante lhe agrade durante a vigência do contrato em geral, mas especialmente nas horas atribuídas e nas horas adicionais acordadas.

15.14. A Submissa obedecerá às normas estabelecidas no Apêndice 1 deste contrato.

15.15. A Submissa servirá ao Dominante em tudo aquilo que o Dominante considere oportuno e deve fazer todo o possível por agradar ao Dominante em todo momento.

15.16. A Submissa tomará medidas necessárias para cuidar de sua saúde, solicitará ou procurará atenção médica quando a necessitar, e em todo momento manterá informado o Dominante de qualquer problema de saúde que possa surgir.

15.17. A Submissa garantirá que toma anticoncepcionais orais, e que toma como e quando é devido para evitar ficar grávida.

15.18. A Submissa aceitará sem questionar todas e cada uma das ações disciplinadoras que o Dominante considere necessárias, e em todo momento recordará seu papel e sua função ante o Dominante.

15.19. A Submissa não se tocará nem se proporcionará prazer sexual sem a permissão do Dominante.

15.20. A Submissa se submeterá a toda atividade sexual que exija o Dominante, sem duvidar e sem discutir.

15.21. A Submissa aceitará açoites, surras, pauladas, chicotadas ou qualquer outra disciplina que o Dominante administrar, sem duvidar, perguntar nem queixar-se.

15.22. A Submissa não olhará diretamente nos olhos ao Dominante exceto quando lhe ordenar. A Submissa deve abaixar os olhos, guardar silêncio e mostrar-se respeitosa em presença do Dominante.

15.23. A Submissa se comportará sempre com respeito para o Dominante e só se dirigirá a ele como senhor, senhor Grey ou qualquer outro apelativo que lhe ordene o Dominante.

15.24. A Submissa não tocará no Dominante sem seu rápido consentimento.

ATIVIDADES

16. A Submissa não participará de atividades ou atos sexuais que qualquer das duas partes considere inseguras nem nas atividades detalhadas no Apêndice 2.

17. O Dominante e a Submissa comentaram as atividades estabelecidas no Apêndice 3 e fazem constar por escrito no Apêndice 3 seu acordo a respeito.

PALAVRAS DE SEGURANÇA

18. O Dominante e a Submissa admitem que o Dominante pode solicitar à Submissa ações que não possam levar-se a cabo sem incorrer em danos físicos, mentais, emocionais, espirituais ou de outro tipo no momento em que lhe solicitam. Neste tipo de circunstâncias, a Submissa pode utilizar uma palavra de segurança. Serão incluídas duas palavras de segurança em função da intensidade das demandas.

19. Será utilizada a palavra de segurança “Amarelo” para indicar ao Dominante que a Submissa está chegando ao limite da resistência.

20. Será utilizada a palavra de segurança “Vermelho” para indicar ao Dominante que a Submissa já não pode tolerar mais exigências. Quando se disser esta palavra, a ação do Dominante cessará totalmente, com efeito imediato.

CONCLUSÃO

21. Os abaixo assinantes têm lido e entendido totalmente o que estipula este contrato.

Aceitamos livremente os termos deste contrato e com nossa assinatura damos nossa conformidade.

Dominante: Christian Grey

Data:

Submissa: Anastásia Steele

Data:

APÊNDICE 1

NORMAS

Obediência:

A Submissa obedecerá imediatamente todas as instruções do Dominante, sem duvidar, sem reservas e de forma expedita. A Submissa aceitará toda atividade

sexual que o Dominante considere oportuna e prazerosa, exceto as atividades contempladas nos limites infranqueáveis (Apêndice 2). O fará com entusiasmo e sem duvidar.

Sono:

A Submissa garantirá que dorme no mínimo oito horas diárias quando não estiver com o Dominante.

Comida:

Para cuidar de sua saúde e seu bem-estar, a Submissa comerá frequentemente os mantimentos incluídos em uma lista (Apêndice 4). A Submissa não comerá entre horas, à exceção de fruta.

Roupa:

Durante a vigência do contrato, a Submissa só vestirá roupa que o Dominante tenha aprovado. O Dominante oferecerá à Submissa um orçamento para roupas, que a Submissa deve utilizar. O Dominante acompanhará à Submissa às compras de roupas quando for necessário. Se o Dominante assim o exigir, enquanto o contrato esteja vigente, a Submissa ficará com os adornos que lhe exija o Dominante, em sua presença ou em qualquer outro momento que o Dominante considere oportuno.

Exercício:

O Dominante proporcionará à Submissa um treinador pessoal quatro vezes por semana, em sessões de uma hora, a horas convencionadas pelo treinador pessoal e a Submissa. O treinador pessoal informará ao Dominante dos avanços da Submissa.

Higiene pessoal e beleza:

A Submissa estará limpa e depilada em todo momento. A Submissa irá a um salão de beleza eleita pelo Dominante quando este o ditar e se submeterá a qualquer tratamento que o Dominante considere oportuno. O Dominante concorrerá com todos os gastos.

Segurança pessoal:

A Submissa não beberá em excesso, não fumará, não tomará substâncias psicotrópicas, nem correrá riscos desnecessários.

Qualidades pessoais:

A Submissa só manterá relações sexuais com o Dominante. A Submissa se comportará em todo momento com respeito e humildade. Deve compreender que sua conduta influi diretamente na do Dominante.

Será responsabilizada por eventuais delitos, desmandos e os excessos cometidos quando não na presença do Dominante.

Ao descumprimento de qualquer das normas anteriores será imediatamente castigada, e o Dominante determinará a natureza do castigo.”(JAMES.2011 p.149)

A leitura do contrato resume bem o jogo do livro. A personagem Anastásia se apaixona pelo personagem Christian Grey, que é muito rico e poderoso e possui tendências sadomasoquistas, mas que também exige submissão em todos os aspectos cotidianos da vida da jovem. Esta de alguma forma se sente um pouco desconfortável com a ideia, mas se rende aos encantos do personagem, mesmo não sendo a favor das regras.

“O sadomasoquismo representa o casal, composto por um sádico, que gosta de provocar sofrimento; e um masoquista, que desfruta do prazer de sentir a dor. Um masoquista não vive sem um sádico e vice-versa.” Explica a sexóloga Carla Cecarello⁴

Quando a estudante de literatura Anastásia Steele entrevista o jovem bilionário Christian Grey, descobre nele um homem atraente, brilhante e profundamente

⁴ <http://mulher.terra.com.br/comportamento/sadomasoquismo-entenda-a-pratica-abordada-por-50-tons-de-cinza,8c95bf0462fd8310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

dominador. Ingênua e inocente Ana se surpreende ao perceber que o deseja e que, a despeito da enigmática reserva de Grey, está desesperadamente atraída por ele. Incapaz de resistir á beleza discreta, á timidez e ao espírito independente de Ana, Christian admite que também a deseja-mas em seus próprios termos. Chocada e ao mesmo tempo seduzida pelas estranhas preferências de Grey, Ana hesita. Por trás da fachada de sucesso- os negócios multinacionais, a vasta fortuna, a amada família- ele é um homem atormentado por demônios do passado e consumido pela necessidade de controle. Ao embarcar num apaixonado e sensual caso de amor, Ana não só descobre mais sobre seus próprios desejos, como também sobre os segredos obscuros que Grey tenta manter escondidos. (JAMES, 2011,sinopse)

No contrato que ele apresenta pra ela podemos perceber que ele se coloca como “dominante” e assim se propõe a receber poderes de treinamento, disciplina e controle. Impõe regras de horário cuja a dominada deve estar disponível, exige quantidade horas dormidas se não estiver junto, diz que a dominada não poderá se tocar e se dar prazer sexual sem a permissão do dominante, e que aceitará toda a atividade sexual exigida sem questionar. Estas, entre outras regras, intimamente conversam com toda as exigências já solicitadas à mulher na sociedade dentro de um conto ficcional, o que nos permite dizer que há uma certa conformidade do público feminino na submissão, não apenas sexual, mas submissão da mulher para o homem.

Cinquenta Tons de Cinza conquistou o público feminino com seu conteúdo erótico leve, que chegou a ser chamado de "pornô para mães". A série literária trata da história de uma garota (Anastasia Steele) que se envolve em um relacionamento sadomasoquista com um empresário (Christian Grey). Somente nos Estados Unidos, diz a Forbes, foram vendidas 70 milhões de cópias em apenas oito meses. 5

Apesar do grande sucesso do livro e do entendimento que há uma movimentação do público feminino geral a ler e falar da sexualidade, há uma grande perda nesse sucesso da literatura erótica. Milhares de mulheres leram e gostaram de um livro que propunha como fetiche sexual de um homem a regressão de toda a luta por liberdade e igualdade de gênero travada no campo do feminismo.

A contradição desse grande sucesso de público está nesse ponto: mesmo chegando as bancas pelas mãos de uma mulher, sendo o primeiro grande sucesso de literatura erótica feito por uma escritora e fazendo que mulheres no mundo inteiro lessem sobre sexo dentro do ônibus, no metrô, na frente de seus pais e maridos, o conteúdo é altamente conservador, pois mesmo que a personagem principal Anastásia de alguma forma conteste as regras, ela se permite participar do jogo proposto.

⁵ <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/autora-de-50-tons-de-cinza-e-a-mais-bem-paga-do-mundo> (12/08/2013)

2.3 – 100 homens em 1 ano e a liberação do corpo feminino

“Qualquer mulher sai com quantos homens quiser”, dizem por aí. Não é verdade. Essa ideia perpetuada pelo senso comum dá a impressão de que os homens sempre desejam sexo o tempo todo e com qualquer parceira – e que as mulheres bi e heterossexuais só vão pra cama para satisfazê-los. Pensar que as mulheres não sentem desejo sexual é machista; a afirmação é machista e antiquada. Já deveria ter sido ultrapassada a muito tempo (LAPA, 2012, p.127)

A história do livro *100 homens em 1 ano* começa com os relatos sexuais de Nádia Lapa sob o codinome de Letícia em um blog de mesmo título. As histórias contadas são relatos de relações sexuais com homens comuns. É possível perceber nesses contos uma grande diferença do título discutido anteriormente Cinquenta tons de cinza. Enquanto o romance erótico de E L James (2011) presa pelo romance erótico contextualizando, fazendo uma narrativa onde a leitora é envolvida e ativada sexualmente, mesmo que intimamente ligada a submissão feminina, a Nadia Lapa (2012) presa pela clareza e descrição da libido feminina e de alguma forma da avaliação pra ela dos atos em que participou. O que torna seus relatos ainda mais interessantes.

A proposta da autora era fazer relato de relações sexuais com 100 homens em 1 ano. Apesar de não ter conseguido cumprir suas expectativas iniciais (ela chegou em 35 em 1 ano) a ideia de que uma mulher poderia ter tido relações sexuais com um número tão grande de homens em um curto período é sem dúvida uma quebra, um rompimento da ideia de que as mulheres tem uma libido menor.

A autora conta ainda que quando deixou de usar o codinome e assumiu a autoria dos relatos foi muito procurada, difamada e ameaçada.

Ela descreve a experiência de escrever no blog:

Foi ótima e horrível. Eu não me arrependo de nada, mas não esperava as agressões que recebi durante o ano de 2011 (elas continuaram nos anos seguintes, mas eu já estava calejada). Sofri bullying virtual, ameaças, me desejaram o mal. As pessoas chegavam a escrever, com detalhes, como elas queriam que eu morresse. Foi bem assustador, mas fico feliz de não ter abandonado o blog, pois vejo que ele me trouxe muito mais coisa positiva do que negativa. Conheci muita gente interessante, ajudei outras mulheres a se descobrirem e caminhei para outros caminhos, de estudar sexualidade de verdade, de ter uma vida acadêmica nisso. Já fiz pós graduação em gênero e sexualidade na UERJ e hoje sou pós graduanda em educação sexual. Eu não teria feito isso se o blog não houvesse me impulsionado. (LAPA, 2014)

Podemos identificar na fala acima uma grande repercussão negativa em torno da mulher que tem sua liberdade sexual e sua vida sexual ativa e fala sobre isso. É nesse caso que podemos perceber o quão invisível as questões da sexualidade feminina ainda se encontram.

Relatos e números sobre a vida sexual de uma mulher são chocantes e tratados como uma aberração.

Nádia Lapa é a autora e também protagonista de sua história, o que marca os relatos dela como fundamentais para a história da literatura erótica, principalmente brasileira. O fato de ser uma mulher comum e sua profissão não ser uma questão presente em seu discurso o diferencia de contos como o de Bruna Surfistinha, que também começa com relatos do mesmo gênero, mas como prostituta.

100 homens em 1 ano coloca a mulher num patamar de escolha e tomada da própria vida sexual. Tira do homem a responsabilidade pelo prazer da mulher e passa a ela mesmo se preocupar com a própria sexualidade.

Pode se perceber ainda a partir da fala de Nádia Lapa, que de alguma forma a liberação sexual e a escrita sobre sua sexualidade fez com que ela se interessasse academicamente pelos assuntos antes tratados como intrínsecos.

Podemos observar em sua escrita ela questiona a todo momento o respeito pelo prazer feminino e também as imagens produzidas que representam esse prazer.

Eu tivera diversas oportunidades de fazer sexo a três(ou a mais!) quando mais jovem, lá pelos vinte, vinte e poucos anos. Nunca quis. Não por uma questão moral ou qualquer coisa que o valha; no máximo por causa de um pouco de timidez. Costumava dizer “um carinho se for bom, é suficiente pra mim”. Eu verdadeiramente acreditava ser “desnecessária” uma terceira pessoa no sexo. Como se transássemos só por necessidade!

Talvez estivessem impregnadas na minha cabeça aquelas cenas de ménage de filme pornô, em que a mulher é praticamente um robô. Ligado na corrente elétrica. A 220 volts. (LAPA. p.34,2012)

Se incomodar com a linguagem do cinema pornográfico é apenas um dos exemplos que podemos tirar dos relatos de Nádia, além disso ela discute questões que podem ser consideradas tabus ao que se refere ao prazer feminino como o sexo oral, o sexo anal e sexo a três. O que mesmo que de forma despojada aproxima as questões de gênero, do feminino e feminismo da discussão da sexualidade.

Capítulo 3 – Relações da mulher com o corpo e sexualidade

3.1– Relações contemporâneas de sexo, sexualidade e corpo

Os Estudos de gênero avançaram bastante nos últimos vinte anos, de forma a compreender hoje estudos sobre sexo e identidade no geral. Quando falamos de sexo, dentro dos estudos de gênero, estamos falando do sexo biológico da pessoa, como ela nasceu, homem ou mulher, e quando falamos de identidade estamos nos referindo ao gênero ao qual ela se identifica.

Para entender melhor essas diferenciações é preciso entender ainda um outro conceito que é o de “papel de gênero”. Judith Butler(1990) usa esse termo para exprimir o conjunto de imposições performativas para cada sexo, nesse conjunto podemos colocar roupas, cortes de cabelo, uso de maquiagem, cuidados com o corpo e etc.

É importante frisar que o gênero não é considerado uma escolha e sim como a pessoa se sente, se enxerga. Por isso termos como orientação sexual é considerado impróprio.

A identidade de gênero passa por duas vertentes, a primeira é a do sexo, se a pessoa se identifica com seu sexo biológico ela é chamada de cisgênero e quando ela transcende o seu sexo biológico, transgênero. A outra vertente é a sexualidade onde o fator definidor é o desejo sexual, sendo assim hoje usamos os termos gay, lésbica, bi, hetero, mas já hoje alguns se negam a se categorizar dentro de uma dessas opções, entendendo a sexualidade mais livre que a identidade.

Apesar dos estudos de gênero estarem de forma tão cotidiana na sociedade, são estudos considerados recentes e de difícil penetração na sociedade. Há um desconhecimento, e uma negação das identidades e sexualidades por fatores já colocados aqui como inibidores sociais, como a religião, a educação e as raízes da sociedade, que em Butler(1990) é definida como falocêntrica.

Ao contrário, ela demonstrou que a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural”.(MISKOLCI e PELÚCIO,p.4)

O desconhecimento e a negação desses estudos contribuem para a forma em que os corpos se colocam na sociedade, os papéis de gênero continuam a ter um grande peso.

Podemos entender que nos casos dos livros analisados que o 50 tons de cinza já a partir do início do livro reproduz dentro do enredo os papéis ideais do homem e da mulher, sendo o homem o cara bem-sucedido, bonito, galanteador. E da mulher como pura, virgem e carente de proteção. O fato do livro colocar a personagem principal em estado de submissão sexual, afetiva, já que é ela quem deve se encaixar nas condições submissivas, apenas fortalece os lugares onde a mulher e o homem se encontram na sociedade.

A sexualidade da personagem é invisível para o enredo da história colocando os desejos da mulher em um plano que não é nem citado. O máximo que a autora aborda é que o Christian tira a virgindade dela de forma carinhosa, numa relação sexual normal, para que ela seja de alguma forma contemplada em sua primeira vez.

Por outro lado no livro “100 homens em 1 ano” , livro originado de um blog , espaço um pouco mais livre onde mulheres que procuravam por literatura erótica frequentavam. Nadia Lapa através de seus relatos subverte um pouco do comportamento considerado adequado a uma mulher.

Durante os relatos o papel dela é então de sujeito ativo do desejo, subvertendo não tão somente a quantidade de relações, que é considerada pelos padrões morais promíscua, mas também as relações em si colocando o homem como o objeto de desejo, naturalizando praticas sexuais e desejos femininos.

3.2- Moral e Sexualidade

A moral e a sexualidade se relacionam muito intimamente, já que mesmo indiretamente a moral colocada numa sociedade afeta o comportamento sexual de um indivíduo.

O Conceito de Moral é amplamente discutido pela filosofia. A palavra moral surgiu da tradução da palavra ética, mas acabou por ter seu significado modificado até o que entendemos hoje por moral. Spinelli(2009), coloca alguns dos significados de ethos, êtos e more, origem das palavras ética e moral.

More (quer em Cícero, quer em Lucrécio) não corresponde, em sentido próprio, nem a uma autoridade nem a uma lei, mas isso não quer dizer que seja destituído de autoridade, e, tampouco, deixa de ter (tacitamente) força de lei.⁵⁴ O termo mores, em sentido amplo, dizia respeito a um domínio (nos termos de uma autoridade ou poder), mas não propriamente derivado de uma imposição; não sendo a rigor natural, o domínio ao qual o mores se refere, condiz com um modo de ser e de viver, em dependência do qual um indivíduo particular é identificado perante um grupo (família, povo ou nação) do qual faz parte. Daí por que, nesse sentido, mores <êthos> é

sinônimo de consuetudo <de éthos>:daquilo que é característico e predominante nas atitudes e sentimentos que marcam as realizações ou manifestações culturais de uma comunidade (grupo ou nação). É por elas que os indivíduos se identificam com os de suas relações (atuais e antepassadas): com aqueles aos quais conservam e expõem (uma vez isolados) frente aos demais características próprias, consuetudinárias, que, enquanto unificam, fazem emergir diferenças.. (SPINELLI, 2009, p.31)

O que nos permite dizer que apesar de não instituída formalmente a moral são sentimentos comuns que permeiam todas as relações cotidianas e passadas. Assim podemos compreender o conceito de moral hoje como um conjunto de regras, nem sempre explícitas diretamente ou formalmente, mas que regem os valores da sociedade. Podemos incluir como parte desses valores costumes culturais, religiosos e cotidianos.

O que entendemos por moral hoje é algo bem próximo do entendimento de Foucault (1984), onde ele cita alguns dos aparelhos que influenciam na construção da moral. Entendemos que moral é transmitida através de ideais religiosos, ideais comportamentais, que são reproduzidos ensinados através de instituições como as grandes mídias, as escolas, as igrejas.

Conhece-se a ambiguidade dessa palavra. Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação as regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referencia a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem uma consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a “moralidade dos comportamentos” (FOUCAULT, 1984, p.26)

O entendimento da moral como um conjunto de valores que é variante dentro da sociedade é fundamental para a compreensão das questões que envolvem o erotismo, a mulher e a literatura. Esse conjunto de regras está ligado intimamente aos papéis de gênero incluindo e a sexualidade dos mesmos. O livro mais lido do mundo de todos os tempos, a bíblia, é um dos grandes marcos para a construção da moral na nossa sociedade. Podemos lembrar aqui de uma das histórias mais conhecidas contadas nele, a de Maria Madalena. A grande

interpretação da história de Maria Madalena é que ela era uma prostituta ou uma mulher que se deitava com diversos homens na cidade, e Jesus a encontrou sendo apedrejada em praça pública e a perdoou. Essa é uma das histórias mais conhecidas do mundo, onde uma mulher estava sendo castigada por praticar atos sexuais, e um messias a perdoou, ou seja coloca a sexualidade da mulher como errada, pecaminosa.

Essa é uma condenação que se reproduz até hoje na sociedade, no fim do livro “100 homens em 1 ano” Nadia Lapa conta que foi vítima de vários comentários e atitudes agressivas por conta de seus relatos sexuais.

Colocar minhas histórias on-line , todavia, me mostrou um lado sombrio da sociedade. Fui xingada. Julgaram minha aparência física quando descobriram minha identidade. Analisaram meu comportamento. Procuraram explicação pras minhas atitudes.

E a explicação era só uma, simples e clara: eu queria. (LAPA, 2012, p.134)

Essa condenação não ocorre tão somente quando se trata da escrita literária mulheres que tem de alguma forma exposta sua vida sexual, ou sua sexualidade sofrem consequências psicológicas pesadíssimas. Podemos citar 3 casos recentes que estiveram em todos os meios de comunicação, tanto nas grandes mídias quanto nos celulares e redes sociais. Fran, uma universitária de Goiânia que protagonizou um vídeo de 13 segundos viralizado por todo país por redes sociais e aplicativos de mensagens. Fran aparecia no vídeo fazendo um boquete em seu parceiro e perguntando pra câmera “ quer meu cuzinho apertadinho?” e fazendo um sinal de ok com a mão. O vídeo vazou e milhões de desconhecidos passaram a criticar , xingar e compartilhar a Fran. Fabienny, arrumou seu armário e resolveu publicar uma foto do resultado em sua página de rede social , mas ela não percebeu que havia fotografado um consolo que estava em uma de suas prateleiras. Fabienny apenas nas primeiras horas após sua publicação teve a foto do seu armário compartilhada, publicada e comentada por milhares de pessoas. Julia uma adolescente de 17 anos do Piauí que teve um vídeo onde ela faz sexo com um rapaz e mais uma outra menina teve seu vídeo vazado e compartilhado por uma aplicativo de mensagens. Não se tem notícias do que Julia sofreu de pressões psicológicas, pois antes mesmo do caso se tornar tão público quanto os acima, Julia cometeu o suicídio. Antes de cometer ela publicou algumas frases no twitter. “Eu te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa eu te amo muito mãezinha (...) Guarda esse dia 10.11.13 [sic]”, “É daqui a pouco que tudo acaba.” e “E tô com medo mas acho que é tchau pra sempre”.

Todas essas implicações sociais se devem ao fato de moralmente a sexualidade feminina ser condenada. Se entendermos como Foucault (1984) a família, as instituições

educativas e as igrejas como meios de proposição dessas regras poderemos de cara entender que a sexualidade feminina é abordada apenas de maneira inibidora em todas essas. De fato há uma inibição da sexualidade como um todo, tendo apenas a sexualidade masculina cis tratada como natural e compreensível.

Em pesquisa feita pelo Datafolha em 2010 sobre a sexualidade do brasileiro os dados sobre quantidade de parceiros podemos observar a enorme diferença entre homens e mulheres.

P.10 Com quantas pessoas você já teve relações sexuais ?
(Resposta espontânea e única, em %)

	TOTAL	SEXO		IDADE			
		Mascu- lino	Femi- nino	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 60 anos
1 Pessoa	20	7	32	21	18	16	24
2 Pessoas	12	5	19	13	10	12	12
De 3 a 5 pessoas	20	13	27	23	20	20	18
De 6 a 10 pessoas	14	18	9	15	15	15	9
11 pessoas ou mais	19	34	5	14	22	19	20
Não sabe	0	1		0	0	0	0
Recusa	15	22	8	14	14	17	17
Total em %	100	100	100	100	100	100	100
Base ponderada	1809	896	913	405	522	445	437
Num.de questionarios	1812	925	887	391	527	444	450
MEDIA	11,3	20,3	3,9	8	13,1	10,9	12,7

Projeto: PO3482
0 = Não atingiu 1 %
Base: Total da amostra - Tipo 1
Data do campo: 09 a 11/09/2009

6

Enquanto 32% das entrevistadas do sexo feminino tiveram relações com apenas 1 pessoa, apenas 5% das entrevistadas tiveram relações com mais de 11 pessoas. Já os entrevistados do sexo masculino 7% tiveram relações apenas com uma pessoa e 34% tiveram relações com mais de 11 pessoas.

Se analisarmos em um curto período de tempo as diferenças ficam ainda mais explícitas, em um período de cerca de 09 meses os entrevistados do sexo masculino 31% dos entrevistados teve apenas um parceiro e 27% tiveram 3 ou mais parceiros. Já as do sexo feminino 55% tiveram relações com 1 pessoa, e 4% tiveram com 3 ou mais parceiros.

⁶ Sexualidade dos Brasileiros.2010 Disponível em:

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/02/1223647-sexualidade-dos-brasileiros.shtml>

P.11 Desde o início do ano de 2009, aproximadamente com quantas pessoas diferentes você teve relações sexuais ?
(Resposta espontânea e única, em %)

	TOTAL	SEXO		IDADE			
		Mascu- lino	Femi- nino	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 60 anos
1 Pessoa	43	31	55	46	45	44	39
2 Pessoas	9	9	9	12	9	10	6
De 3 a 5 pessoas	10	16	3	13	11	8	7
De 6 a 10 pessoas	4	7	1	5	5	2	3
11 pessoas ou mais	2	4	0	3	4	1	1
Não teve relações sexuais neste ano	23	22	25	14	16	24	39
Não sabe	0	0		1		0	
Recusa	9	10	7	7	10	11	6
Total em %	100	100	100	100	100	100	100
Base ponderada	1809	896	913	405	522	445	437
Num.de questionarios	1812	925	887	391	527	444	450
MEDIA	2,6	3,8	1,4	2,7	3,1	2,1	2,2

Projeto: PO3482
0 = Não atingiu 1 %
Base: Total da amostra - Tipo 1
Data do campo: 09 a 11/09/2009

7

Muitos desses números têm cruzamentos também com a quantidade de entrevistados com parceiros fixos e com as relações dos entrevistados além dos parceiros fixos, sendo elas extraconjugais ou não. E esses número com outras relações de gênero ligada ao sexo masculino, como a também pressão para que sejam sempre bem sucedidos sexualmente, e muito desse sucesso ser considerado números altos de parceiros. Porém, independente desses cruzamentos não podemos deixar de afirmar que a frequência sexual dos entrevistados do sexo masculino reflete também na maior liberdade em exercer sua sexualidade.

Enquanto para os homens ter tido um número elevado de parceiras(os) é motivo de orgulho , ou de reconhecimento pra mulheres é motivo de menosprezo e vergonha.

Apesar de entender que a quantidade de parceiros, a frequência sexual e a sexualidade feminina é ainda muito abalada pela moral. Podemos também entender que há um rompimento no segmento do prazer feminino.

O grande sucesso de público do livro “50 tons de cinza” foi um grande contribuidor pra tirar o erótico do *underground* , sujo e escondido. Podemos perceber um grande crescimento mercadológico no cuidado com o prazer feminino, já que existe um crescimento do segmento de brinquedos eróticos, sites com conteúdo para mulheres cis, lésbicas e trans , assim como uma maior aceitação da literatura erótica, mesmo as tidas como soft. Apesar disso, podemos observar também que nos eventos de grande porte, ou nos instrumentos massivos de reprodução, os conteúdos e produtos são sempre como público alvo

⁷ Sexualidade dos Brasileiros.2010 Disponível em:

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/02/1223647-sexualidade-dos-brasileiros.shtml>

mulheres que querem apimentar relações com seus maridos, ou mulheres cis no geral. As meninas cis, bi e lésbicas continuam a ser reprimidas nos colégios, na família e nas igrejas.

A sexualidade feminina que já é um assunto que é velado quando se trata de mulheres do sexo feminino ainda é ainda mais inacessível quando se trata de mulheres do sexo masculino. A luta pelo reconhecimento dessas ainda é ainda mais prejudicada pela moral. Recentemente foi aprovada uma lei que classifica como crime hediondo o feminicídio, e o processo de aprovação desta teve um entrave com a bancada religiosa que deixa evidente a discriminação e a repressão a essas mulheres.

Capítulo 4 - O Mercado Literário contemporâneo de autoria Feminina.

O Mercado Literário vem sofrendo grandes mudanças desde que a internet se tornou uma facilitadora, com o uso da internet a compra de livros, o compartilhamento de livros em versões digitais e críticas sobre todos os tipos de livros ficaram mais acessíveis. Em níveis internacionais sites como a Amazon, se tornam os grandes vendedores de livros.

Impossível falar de cases de sucesso no e-commerce sem citar a gigante americana Amazon, criada por Jeff Bezos em 1995. Nessa época a internet ainda não era conhecida de boa parte dos brasileiros.

Bezos arriscou uma carreira sólida em uma famosa empresa da Wall Street para investir no comércio eletrônico em um tempo em que poucas pessoas tinham o hábito de comprar pela internet, mas sua visão estava correta, pois sua ideia de vender livros físicos pela web deu certo e a Amazon tonou-se referência neste nicho. Quase 20 anos depois, a Amazon.com comercializa mais de 20 milhões de produtos para 160 países, com uma carteira de 50 milhões de clientes. O faturamento anual da empresa é de US\$ 14.8 bilhões. A marca Amazon vale 5.41 bilhões de dólares, fazendo parte do ranking das 70 marcas mais valiosas do mundo, sem contar que é a 15ª no ranking das marcas com mais influencia no mundo.⁸

No Brasil, segundo pesquisa do Ibope (2007 e 2011) encomendada pelo Instituto pró-livro o acesso a livros, tanto físicos quanto digitais está diretamente relacionada com a classe social. Podemos considerar que a maioria dos leitores no Brasil é de classe media ou alta. Apesar desse dado de consumo, o acesso a literatura está muito facilitado através da internet. Precisamos levar em consideração na análise deste, as horas de trabalho, os hábitos de entretenimento que são diferentes.

Assim como nas edições anteriores, a pesquisa confirma as principais correlações com a leitura: escolaridade, classe social e ambiente familiar. Quanto mais escolarizado ou mais rico é o entrevistado, maior é a penetração da leitura e a média de livros lidos nos últimos 3 meses.⁹ (

Tendo em vista a evolução mercado desde o tempo em que só se possuía acesso de livros em bibliotecas, livrarias, bancas de jornais e sebos, podemos dizer que hoje um livro é muito mais fácil de ser encontrado e lido.

4.1 - Análise do mercado de literatura erótica escrita por mulheres

Pierre Bourdieu(1997) faz uma análise do mercado literário francês e percebe que há no mercado literário duas lógicas econômicas, uma onde as publicações são mais conectadas ao seu valor de mercado atual, e outra que considera que as publicações mais simbólicas “*puras*”, o que as diferencia é uma mudança subjetiva de conteúdo. A primeira

⁸ <http://www.labraro.com.br/blog/5-cases-de-e-commerces-que-voce-precisa-conhecer>

⁹ Ibope, novembro de 2011 – Retratos da Leitura no Brasil)

http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf

tem uma lógica que destina a sua produção, analisando pela tiragem inicial muito elevada, a venda massiva. Já a segunda está mais calcada na arte, no conteúdo, seu alcance de mercado é a princípio pequeno, sua tiragem inicial também, mesmo que seja alcançado em maior número a longo prazo.

Mesmo com uma grande mudança de lógica de vendas por conta dos livros virtuais, essa classificação ainda é coerente pro mercado atual e a partir dela é possível analisar o “boom” do segmento literário erótico desde o lançamento do romance erótico com o Best-seller “Cinquenta tons de cinza”. Este bem cultural fora produzido em grande escala como um produto que se tem um fim mais comercial. Sabendo que o que caracteriza a um bem cultural é a não competição entre similares e outros bens culturais, podemos observar que há nesse caso um bem que possibilitou o maior consumo de todo um gênero literário, mesmo aqueles que foram produzidos em pequena escala como o “100 homens em 1 ano”.

O “Cinquenta tons de cinza” foi lançado no Brasil(2012) com uma tiragem de 200 mil cópias iniciais, já fazia sucesso antes de ser traduzido para o português, ainda considerando esse fato foi uma tiragem alta em relação a outros livros de conteúdo erótico da época, o “Doce Veneno de Escorpião”(2005) livro de Bruna Surfistinha que fora considerado um grande sucesso no Brasil teve sua tiragem inicial em 10 mil exemplares.

A literatura erótica que sempre fora marcada pela grande incidência de escritores do sexo masculino, que relatavam vidas com amantes e esposas e atos sexuais, agora fora invadida por escritoras do sexo feminino, que trazendo uma visão sobre o erotismo possibilitou um crescimento no público consumidor feminino.

Segundo o Daily Mail o número de consumidoras cresceu também por causa da venda de edições digitais “De acordo com o jornal britânico Daily Mail, as vendas de romances eróticos cresceram 30%, ao passo que os leitores apostam em suas versões digitais. Fazer o download de histórias picantes vem se tornando algo popular entre as mulheres, pois o anonimato as poupam da vergonha que muitas têm de entrar em uma livraria em busca de um livro erótico¹⁰.”

As versões digitais alteram o mercado literário também em outro sentido, Bourdieu(1997) ao analisar o mercado diversas vezes pauta a tiragem dos livros e como editoras de pequeno e grande porte lidavam com suas tiragens, números de vendas e pagamentos de seus custos.

¹⁰ <http://nomundoenoslivros.blogspot.com.br/2012/03/venda-de-livros-eroticos-aumenta-entre.html>

As grandes editoras continuam em parte seguindo uma lógica muito parecida da analisada por Bourdieu, fazendo grandes tiragens de títulos já reconhecidos no exterior e assim tem seu faturamento garantido, com grandes tiragens e vendas de versões digitais.

Já as pequenas editoras tem na internet sua grande oportunidade de diminuir os riscos de prejuízo e publicar mais títulos, pois em muitos casos é possível não fazer uma edição impressa até que se tenha um número de vendas de versões digitais, ou de pré-encomendas de versões impressas.

De acordo com os resultados da última pesquisa, divulgados em julho de 2012, as editoras brasileiras registraram 469,5 milhões de livros vendidos em 2011, elevação de 7% com relação a 2010. O setor faturou R\$ 4,8 bilhões em 2011, valor 7,3% superior ao do ano anterior, o que, se descontada a inflação de 6,5% pelo IPCA no período, corresponde a um aumento real de 0,8%. As vendas ao governo ajudaram a manter positivo o crescimento no faturamento do setor, já que o crescimento nominal das vendas ao mercado (livrarias e demais canais de vendas) foi abaixo da variação do IPCA.

O número de livros editados em 2011 no Brasil cresceu 6%, com 58.192 novos títulos. Considerados pela primeira vez no estudo, os e-books equivalem a 9% dos lançamentos do mercado em 2011, com 5,2 mil títulos em formato digital. O segmento com a maior variação positiva foi o de livros científicos, técnicos e profissionais, com aumento de 38% em quantidade de exemplares e de 23% em faturamento.

As livrarias são o lugar preferido para 44% dos brasileiros comprarem livros, seguidas de distribuidores (20,5%), porta a porta (4,97%), escolas (2,8%), igrejas e templos (1,74%).

A pesquisa FIPE/SNEL/CBL é respondida por editoras enquadradas no critério Unesco: edição de pelo menos cinco títulos e produção de pelo menos cinco mil exemplares por ano. Em 2011, 178 empresas das cerca de 500 editoras desse padrão participaram do levantamento. Segundo Leda Paulani, coordenadora do estudo, a amostra responde por quase 20% das editoras e 60% do faturamento do setor.¹¹

O mercado literário sofre alterações no sentido em que passa a não se restringir no mercado editorial e passa a ter outros veículos inicialmente gratuitos, como blogs, sites e mídias sociais. Há um número incontável de escritores que usam como seu veículo principal ferramentas da internet, e muitas vezes o sucesso dessas ferramentas o faz ter um livro publicado, o que indica o sucesso do impresso, dando também um novo sentido para os selos de “venda garantida”, que deixam de somente os títulos Best-sellers que darão um retorno volumoso, e passa a contemplar também os títulos de menor volume de vendas, mas que garante que ele pode ser distribuído, fazendo ai o papel do editor de escolher o que vai ser publicado. Como é o caso do *Cem homens em um ano*, a publicação é da editora Matrix, mas foi originado de relatos do blog de mesmo nome da Nadia Lapa, que já fazia sucesso antes do convite a publicação, mesmo sendo uma tiragem pequena, a editora hoje pode arriscar varias

¹¹ <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/literatura>

pequenas tiragens que já possuem força no mercado e alcançarão as vendas, o que fortalece as pequenas editoras. Hoje o livro *Cem homens em um ano* é vendido em livrarias de grande porte, como a Livraria da Cultura, livrarias que também se beneficiaram com a internet, podendo se organizar e vender mais títulos através de estoques e pedidos personalizados.

No mesmo caso do *Cem homens em um ano* também podemos lembrar da Bruna Surfistina, a Raquel Pacheco, prostituta que escrevia seus encontros em um blog e que publicou um livro contando suas experiências sexuais em “O doce veneno de escorpião” personagem e livro que também inspiraram um filme biográfico. Assim como Raquel, a escritora do *Cem homens em um ano* Nádía Lapa, revelou sua identidade após a fama.

Todas essas evoluções do mercado literário ajudam a entender o grande sucesso que o segmento da literatura erótica vem fazendo.

O grande sucesso de vendas do livro *Cinquenta tons de cinza*, que vendeu 70 milhões de exemplares comprados em todo o mundo até agora, ficando atrás somente da saga Harry Potter no número de vendas, retrata o grande Bum da literatura erótica escrita por mulheres.

Independente da qualidade literária, ou do conteúdo da serie de livros de sucesso que E. L. James escreveu, é inegável que ele abre um precedente para diversos outros títulos do gênero. E como tal reconfigura um setor do mercado literário.

Um ano após o seu lançamento outros títulos como: “Toda Sua” “Algemas de seda” “Bem profundo”, esses escritos por mulheres, sem o uso de codinomes, se encontram na mesma prateleira e também são sucesso de vendas. Esses livros atualmente atendem um público consumidor de certa forma conservador em relação a literatura erótica, tendo em vista que seu conteúdo erótico é sempre mascarado pelo romantismo.

Mas fazem também com que o tema seja de certa forma liberado, dando espaço pra livros mais ousados que surjam, como o livro “Juliette Society” de Sasha grey lançado no Brasil em agosto de 2013, é o primeiro livro de Sasha, uma bela jovem que ficou famosa na indústria pornô por ter estrelado 271 filmes entre seus 18 e 23 anos. Ela mesma entende que a literatura e o cinema são formas que encontrou para expressar sua sexualidade como diz no agradecimento no fim livro “Isto é pra todas as mulheres e homens como eu, que em determinado momento só tinham a literatura e o cinema como saída para se sentirem confortáveis com sua sexualidade” (GREY, 2013, p.235)

Além das histórias eróticas, ou semi-eróticas contadas por mulheres terem feito sucesso de vendas de livros, podemos observar dois desencadeamentos do crescimento desse mercado:

1 – Cinema

Assim como Pierre Bourdieu(1997) identifica que as obras de sucesso tendem a proporcionar outras formas de arrecadar mais, como direitos, traduções e adaptações e Paul Tolila (2007) complementa justificando que na verdade o processo de adaptação de uma obra literária pro cinema se origina do grande sucesso que a televisão e que a imagem vem ganhando dentro do cotidiano da sociedade. Podemos perceber que muitos desses sucessos literários foram ou estão sendo adaptados para o cinema.

Polarizado também pela presença crescente e sistemática do audiovisual e da televisão, esse fenômeno se fortaleceu constantemente em torno de dois eixos: de um lado, a promoção em rádio e televisão, de outro, as possibilidades que oferece a revalorização “audiovisual” das produções de outras indústrias culturais. A transformação semântica em torno da noção de “audiovisual” atesta essa complexidade, pois esse termo veio a designar, com ampla aceitação, todo o setor de imagem animada (cinema, vídeo, televisão). À incerteza e dissabores da problemática sinergia das múltiplas mídias no interior de grupos de comunicação constituídos freqüentemente em forma de conglomerados que marcaram os anos 1980, sucedeu-se a evidência da valorização cruzada e a multiplicação dos “produtos derivados” em todas as formas (livros, filmes, objetos, etc.). Esse movimento de rentabilização por “variantes” extrapola o marco estrito das indústrias culturais, mas é perfeitamente generalizado em todas elas e chegou mesmo aos âmbitos culturais mais tradicionais (museus, bibliotecas, sítios patrimoniais, etc.).(TOLILA,2007, p.36)

A série, Cinquenta tons de cinza, que possui mais dois livros (Cinquenta tons mais escuros, Cinquenta tons de liberdade) será transformada em uma trilogia de filmes. O primeiro episódio foi lançado no início de 2015. Em 10 dias o filme arrecadou 300 milhões de dólares. No Brasil no primeiro fim de semana foi assistido por 1,6milhão de espectadores.

O livro Julliette Society, escrito por Sasha grey também será filmado, produzido pela Anonymous Content e dirigido por Scott Burns, produtora e diretor de grande reconhecimento por outros filmes em Hollywood. Aqui no Brasil um dos livros de mais sucesso com conteúdo erótico escrito por uma mulher também foi transformado em filme recentemente, o livro de 2006 , O doce veneno de escorpião, que trouxe a história da Bruna Surfistinha pras prateleiras acabou desencadeando em um biográfico filme estrelado pela atriz Debora Secco e atingiu a marca de 2 milhões de espectadores se tornando o 3º filme mais visto no cinema em 2011 e um dos títulos brasileiros mais vistos no cinema de todos os tempos.

O que podemos entender é que através do cinema essas histórias alcançam um público ainda maior, o alcance do cinema é diferente do da literatura já que um filme pode passar no cinema, ser vendido em lojas de DVDs, blue-rays, e ainda passar na TV aberta ou fechada.

A abertura do mercado para bens eróticos relacionados a mulher tem uma relação muito próxima com esses números, a possibilidade da mulher escrever, fazer sucesso, ter acesso a filmes de conteúdo erótico no cinema comercial sugere um avanço no tratamento da sexualidade da mulher como natural e normal.

2- Produtos eróticos

O Mercado de produtos eróticos vem crescendo bastante nas últimas duas décadas, e as publicações eróticas escritas por mulheres assim como os filmes que originaram delas contribuíram imensamente pro crescimento desse mercado. A Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual estima que em 2012 é identificado um aumento de 35% nas vendas de artigos erótico relacionados ao sadomasoquismo¹² por influência do Livro 50 tons de Cinza e foi o primeiro grande impacto de vendas no Brasil causado por um outro produto influenciador, nesse caso o livro, antes o crescimento do mercado estava pautado na quantidade de produtos oferecidos e na facilidade de compras, pela internet ou lojas físicas.

Essa relação entre o livro cinquenta tons de cinza e o mercado de produtos erótico tão direta que a própria autora do livro lançou uma linha de produtos oficiais do livro cinquenta tons de cinza, entre eles tem chicotes, bolas de pompoarismo, vibradores, vendas, palmatórias e outros, são 56 produtos da linha.

12 “O sadomasoquismo representa o casal, composto por um sádico, que gosta de provocar sofrimento; e um masoquista, que desfruta do prazer de sentir a dor. Um masoquista não vive sem um sádico e vice-versa.” Explica a sexóloga Carla Cecarello



13

Há então uma clara mudança na lógica do mercado literário a partir da internet assim como há do mercado literário erótico, e seus produtos consequentes a partir da maior incidência de mulheres escrevendo sobre o tema, gerou uma mudança no consumo e consequentemente uma mudança no faturamento do segmento, e nas publicações hoje em dia.

O que nos permite dizer que há uma legitimação do prazer feminino seja ele por consumo de produtos ligados ao livro diretamente ou não, podemos citar outros produtos culturais que conversam com a lógica de vendas de produtos eróticos como o filme *De pernas pro ar* de Roberto Santucci, que conta a história de uma mulher divorciada que abre um negócio de produtos eróticos e assim além do sucesso econômico ela alcança uma superação da separação do marido. . O filme ficou em 11º lugar no ranking de 20 maiores bilheterias do Brasil em 2011 e foi o melhor colocado dos três títulos nacionais da lista, ficando à frente de "Cilada.com" (13º) e "Bruna Surfistinha" (19º) que também está diretamente relacionado com o mercado erótico, como falado acima esse filme é fruto da história da prostituta e blogueira de mesmo nome que escreveu um livro chamado "Doce veneno de escorpião", o filme é diferente do livro em conteúdo, pois é mais uma versão biográfica, mas também pode ser considerado consequência da publicação.

Podemos perceber assim que o mercado erótico de produtos sexuais hoje tem como seu grande público alvo as mulheres, e é devido ao poder de compra e de fruição desse público que se deve o seu grande crescimento.

¹³ <http://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/sexo-e-prazer/2015/02/20/brinquedos-oficiais-do-50-tons-de-cinza/>

4.2 – Análise da literatura e de autoria feminina na literatura contemporânea

O número de mulheres autoras na literatura ainda está muito aquém do que poderia ser uma representatividade com semelhança ao número de mulheres na sociedade. Em outubro de 2013 quando Alice Munro, escritora canadense ganhou o Nobel de Literatura este foi um assunto muito abordado pela mídia e pelas escritoras e leitoras.

Há no mercado literário uma grande invisibilidade femina. No Brasil, pesquisa divulgada em 2012 pelo Instituto Pró-Livro classificou como leitores 43% dos entrevistados homens e 57% das mulheres. Além disso, a mãe foi apontada pelos entrevistados como a segunda maior figura incentivadora de leitura, atrás do(a) professor(a) e à frente do pai.

Apesar desses números o número de publicações escrita por mulheres, o número de premiadas na literatura, a representatividade dentro da Academia Brasileira de letras , que é 5 mulheres entre os 40 membros ainda é muito pequena.

Algumas escritoras acreditam que isso se deve ao fato do reconhecimento oficial ser pouco entre as mulheres, como é o caso de Carola Saavedra , escritora chilena que mora no Brasil. “Basta dar uma olhada nos finalistas dos prêmios mais importantes nos últimos dez anos (no Brasil). Veremos que a média é de duas mulheres para oito homens, sem falar que raramente uma recebe o principal.”

Em 2013 além da premiação da Alice Munro, com o Nobel de literatura houveram outras grandes premiações que foram concedidas a mulheres. A Eleanor Catton, neozelandeza, venceu o prêmio ‘Man Booker Prize’ de 2013 o prêmio literário de mais prestígio do Reino Unido com o livro *The Luminarie’s*, história repleta de mistérios e simbolismos passada no século XIX em minas de ouro da Nova Zelândia. A escritora mexicana Elena Poniatowska vence o prêmio Cervantes , o mais importante de línguas hispânicas, com seu livro *A Pele do Céu*.

A onda de reconhecimento chamou a atenção dada a histórica baixa representação feminina em premiações literárias. Alice Munro, foi a 13ª mulher a ganhar o Nobel desde que ele começou a ser entregue, em 1901, enquanto Elena Poniatowska foi apenas a quarta premiada nos quase 40 anos de história do Cervantes.

No "London Review of Books", por exemplo, foram publicadas resenhas de 245 livros de autores masculinos e 72 de escritoras mulheres; no "New York Review of Books" foram 307 contra 80; na revista "The New Yorker", 436 contra 136; na "Paris Review", uma rara exceção: por um livro, as mulheres foram maioria.

Após esse grande momento em 2013 algumas instituições de estudos femininos fazem estudos sobre como melhorar a invisibilidade das publicações escritas por mulheres,

entre os estudos há um do no festival Women of the World, realizado em Londres, onde uma das propostas é melhorar o projeto gráfico dos livros, para evitar capas femininas homogêneas e engajar público amplo.

Também em 2014 a invisibilidade da mulher na literatura ganhou novas proporções com a campanha #readwomen2014, que sugere que as pessoas leiam mulheres em 2014, criada pela escritora britânica Joanna Walsh, autora de "Fractals" e "Hotel". Ela postou no Twitter fotos de marcadores de livros que tinha feito, com imagens e nomes de autoras que admirava. Atendeu aos pedidos para que publicasse a lista de escritoras, aceitou sugestões de internautas e, em pouco tempo, começou a receber fotos de livrarias que criaram um espaço inspirado em sua hashtag.

Marcadores feitos pela escritora Joana Walsh , publicado no Twitter para com o objetivo de incentivar a leitura de livros escrito por mulheres.

É possível perceber que apesar das publicações de livros escritos por mulheres ser hoje em menor número, alguns estão entre os mais vendidos do mundo. Como é o caso das sagas Harry Potter, Cinquenta tons de cinza e Crepúsculo. O número de vendas dessas sagas superam em números títulos mundiais, apesar disso se analisarmos o volume de vendas dos vinte títulos mais vendidos em separado a imensa maioria são escritos por homens, tendo na lista a aparição de apenas três títulos escrito por mulheres, dois episódios da saga Harry Potter e um livro da Agatha Christie:

1. Bíblia Sagrada – século 15 a.C. até século I d.C. – mais de 6 bilhões
2. Livro Vermelho de Mao Tse-tung (Mao Tse-tung) – 1964 – 820 milhões
3. Alcorão (Maomé) – 650 D.C. – 800 milhões
4. Dom Quixote (Miguel de Cervantes) – 1605 – 500 milhões
5. O Conde de Monte Cristo (Alexandre Dumas) – 1844 – 200 milhões
6. Um Conto de Duas Cidades (Charles Dickens) – 1859 – 200 milhões
7. O senhor dos Anéis (J.R.R. Tolkien) – 1955 – 150 milhões
8. Escotismo para Rapazes (Robert Baden-Powell) – 1908 – 150 milhões
9. Harry Potter e a Pedra Filosofal (J.K. Rowling) – 1997 – 120 milhões
10. O Livro de Mórmon (Joseph Smith Jr.) – 1830 – 120 milhões
11. O Hobbit (J.R.R. Tolkien) – 1937 – 100 milhões
12. O Sonho da Câmara Vermelha (Cao Xueqin) – Século 18 – 100 milhões
13. O Caso dos Dez Negrinhos (Agatha Christie) – 1939 – 100 milhões de cópias
14. As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa (C.S. Lewis) – 1950 – 85 milhões
15. Ela, a Feiticeira (Henry Rider Haggard) – 1887 – 83 milhões
16. O pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry) – 1943 – 80 milhões
17. O Código da Vinci (Dan Brown) – 2003 – 80 milhões
18. Harry Potter e a Câmara Secreta (J.K. Rowling) – 1998 – 77 milhões
19. O Apanhador no Campo de Centeio (J. D. Salinger) – 1951 – 65 milhões

20. O Alquimista (Paulo Coelho) – 1988 – 65 milhões¹⁴

Alguns estudos por esse fato consideram a literatura escrita por mulheres ainda marginal ao que se refere a expressividade de uma minoria. Podemos apontar diversos fatores que contribuem de alguma forma para essa marginalidade, como as diferenças de salário entre mulheres e homens, que indiretamente desvalorizam o profissionalismo da mulher, e isso se reflete dentro de todos os campos de participação cultural, mesmo que em maior número em alguns segmentos os homens em cargos de liderança e decisão são mais valorizados e suas escolhas mais suportadas.

Dessa maneira, entende-se que a literatura marginal está vinculada à expressão de uma minoria, à subalternidade, em oposição à arte canônica, que circula na classe dominante. Nesse sentido, pode ser considerada como literatura marginal aquela produzida por afrodescendentes e por mulheres, na medida em que buscam modalidades de representação próprias. (ZINANI. 2014, p.185)

Em suma, podemos perceber o quanto o mercado literário, indo além de seu conteúdo, reflete também em seu modo de operar, nos hábitos de consumo.

¹⁴ <http://charlezine.com.br/os-20-livros-mais-vendidos-da-historia/>

Considerações Finais

A partir da história da mulher na sociedade podemos compreender que o protagonismo feminino, não tão somente de fala, mas também de direitos, já passou por diversos momentos na luta por igualdade. Direta ou indiretamente esses movimentos possibilitaram o aumento sucessivo na liberdade de escrita por mulheres.

Apesar de todo o acesso e liberdade de escrita reconhecemos que há também uma produção menor e menos reconhecida quando se trata da fala de uma mulher. Os números de publicações, números de vendas, prêmios literários, os codinomes usados e até mesmo o posicionamento dos livros nas livrarias nos faz perceber que apesar da livre possibilidade de escrita feminina, a aceitação desses livros não é a mesma.

Não temos acesso comparativamente ao número de manuscritos recebidos e publicados por editoras, assim como não temos acesso a esses dados com um comparativo de gênero. Apesar disso podemos perceber que até mesmo o maior sucesso mundial da atualidade escrito por uma mulher, o livro Harry Potter, fora inúmeras vezes recusado por editoras e acabou sendo lançado utilizando um codinome da autora, por conta de uma possível não aceitação de histórias fantásticas escritas por mulheres.

No campo da Literatura erótica massiva podemos perceber que o grande sucesso da trilogia 50 tons de cinza é um marco que pode ser considerado positivo. Apesar do conteúdo ser conservador, no que toca os papéis de gênero, ele abre prerrogativas para que outras autoras mais liberais tenham seus textos com conteúdo erótico publicados. O sucesso de vendas faz com que os editores tenham mais atenção para esse tipo de escrita, assim como passa a chamar mais atenção dos leitores.

Uma outra grande vantagem do estouro do livro é a exibição da leitura de conteúdo erótico, mulheres lendo no metro, no consultório, no banco, no ônibus, em todos os lugares públicos é um avanço no sentido de que há uma afirmação da existência da sexualidade feminina. Que por muitas vezes parece invisível.

Ao comparar o conteúdo erótico presente no livro podemos perceber que é possível que sua grande aceitação no Brasil, se deve a ele se aproximar a grande parte da população brasileira feminina e seus ideais de relacionamento romântico.

Já o 100 homens em um ano nos mostra que apesar de toda liberação e aceitação aparente sexual feminina há ainda muitas barreiras psicológicas, há muitos limites impostos no campo do papel ideal feminino, do comportamento ideal feminino. As pesquisas mostradas

aqui nos permitem dizer que há uma grande limitação sexual imposta por regras sociais, o que dificulta um autoconhecimento e uma familiaridade as questões de corpo e desejo de grande parte das mulheres no Brasil. Através dessa pesquisa podemos entender que as barreiras psicológicas colocadas a Nadia Lapa , autora do livro citado acima estão presentes em todas as esferas da sociedade.

Por isso é preciso que nós produtores desempenhemos um papel de mediadores , mas também de incentivadores dessa discussão, trazendo pra dentro dos nossos olhares críticos, nossos projetos um paralelo as publicações literárias de conteúdos conservadores.

No rio de janeiro um grande exemplo são as apresentações consecutivas da personagem - Xota K (anexo 1) em eventos, o que mostra claramente como o papel do produtor com pensamento crítico pode influenciar positivamente a sociedade naturalizar falas femininas sobre sexo é atualizar o repertório da sociedade através da arte, seja ela na literatura ou não.

É preciso também como produtor ter cuidado e analisar o discurso que está sendo veiculado e assim procurar entender como ele pode afetar o público leitor que o receberá.

O uso da internet como ferramenta de comunicação é um grande aliado para ajudar na mudança da lógica do mercado que beneficia conteúdos conservadores, a forçar barreiras ditadas pelas regras morais.

Cabe assim a nós produtores mergulhar nesse e em outros processos investigativos de rompimento de barreiras ideológicas e a influenciar a formação cultural da sociedade no que toca a liberdade e o convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. “Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar”. Em MOREIRA, ALEXANDRIAN. *História da Literatura erótica/ Alexandrian*: tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro. Rocco. 1993.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Simone de Beauvoir; tradução: Sérgio Milliet. São Paulo. Difusão europeia do livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*; tradução Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro, Companhia das letras, 1997.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler*; tradução, Renato Aguiar. – 5ªed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013
- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos avançados*. São Paulo. 17 (49), p.151-172 2003
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade volume 2: o uso dos prazeres*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.
- JAMES, EL. *Cinquenta tons de cinza*. E L James; tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- JARSCHEL, Haidi e NANJARÍ, Cecília Castillo. *Região e violência simbólica contra mulheres. FAZENDO GENERO 8*. Florianópolis. 2008.
- LAPA, Nádía. *Cem homens em um ano/ Nádía Lapa*. São Paulo. Matrix. 2012.
- Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre, MATOS, Maria Izilda. *Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. CADERNOS PAGU*. (11) p.67-75. Campinas. 1998
- Mercado Aberto, 2003.
- MILLET, Kate. *Política Sexual*. Kate Millet; tradução: Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970.
- MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis*. Niterói, v. 7, n. 2, p. 257-269, 1. sem. 2007.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro; Vozes; 1983.

RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. Prefácio de Brito Broca, ilustrações de Oswald de Andrade Filho. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1972.

SPINELLI, Miguel. Sobre as diferenças entre éthos com episílon e êthos com etha. Trans/Form/Ação. São Paulo, 32(2): 9-44, 2009.

TOLILA, Paul. Cultura e economia: problemas , hipóteses, pistas/ Paul Tolila; tradução Celso M. Pacionik. São Paulo. Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

WARNER, Michel. Introduction: Fear of a Queer Planet. Social text. Duham, nº29 , p. 3-17.1991.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. ANTARES – Vol. 6, Nº 12, jul/dez . Caxias do Sul. 2014

Anexo 1

Frases da Xota- K – uma personagem de Jeoseanny Kym

Dia do sexo é
igual dia das mães:
TODO DIA É DIA!

J.K.

Fica chocado com a mulher
que tira a calcinha da bunda
mais COÇAR O SACO em
público pode. J.K.

Por um mundo onde
homens não fiquem
brochas ao usarem
camisinha. J.K.

[facebook.com/Xota-K](https://www.facebook.com/Xota-K)

Boceta nenhuma tem
cheiro de flor!

J.K.

[facebook.com/Xota-K](https://www.facebook.com/Xota-K)

Uma XOXOTA seca
é
uma XOXOTA triste!

J.K.

facebook.com/Xota-K